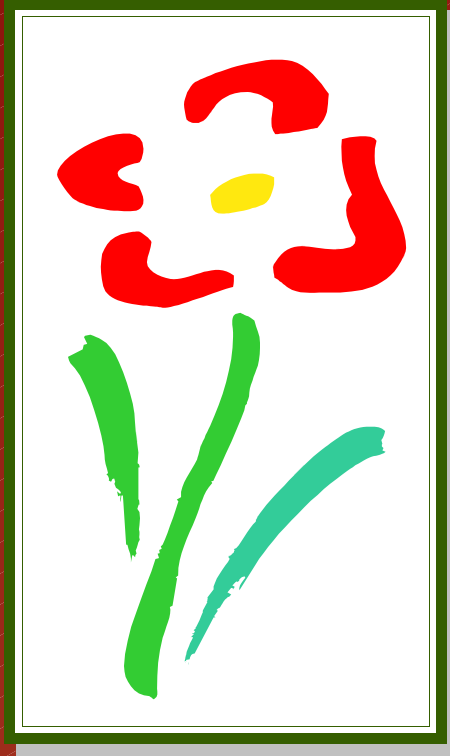


**O MAIOR
MILAGRE
DO MUNDO**



Og Mandino





VOCÊ ACHOU UM TESOURO!

Em 1976, aos 52 anos, Og Mandino surpreendeu a indústria editorial norte-americana ao deixar a presidência da famosa revista *Success Unlimited* para se dedicar em tempo integral à carreira de escritor e conferencista.

A surpresa durou pouco, porque ele logo se tomou um exemplo de sucesso, tanto como conferencista – é um dos mais solicitados nos EUA – quanto como escritor: seus livros são best sellers em todo o mundo, com vários milhões de leitores.

Og Mandino é, sem sombra de dúvida, o mais inspirado e o mais lido escritor sobre iniciativa e esforços pessoais nas últimas décadas. O segredo para alcançar tão extraordinário sucesso consiste em apresentar a vida nos termos mais claros e simples: verdade, sinceridade e fé. Seus milhões de leitores não tiveram dificuldade em perceber a espiritualidade revelada em cada página através da mensagem de que a vida é um dom maravilhoso e é preciso vivê-la em toda a sua plenitude – e não existe tesouro mais precioso do que nossa própria vida. Og Mandino ensina você a tirar o maior proveito dela.

**Agora que achou o tesouro,
não o deixe escapar!**



Um

A primeira vez que o vi? Ele dava de comer aos pombos.

Por si só, tal gesto simples de caridade não constitui visão incomum. Encontramos pessoas idosas, que parecem carentes de uma boa refeição, dando migalhas às aves no cais de San Francisco, na região do Common, em Boston, nas calçadas do Time Square, e nos pontos de interesse de todas as cidades.

Esse velho, entretanto, fazia-o no ápice de uma brutal tempestade de neve, que, de acordo com o noticiário radiofônico recebido pelo meu rádio, no automóvel, já despejara uma nova marca de vinte e seis polegadas de sofrimento branco e nevado sobre Chicago e subúrbios.

Com as rodas de trás girando, eu finalmente me acostara ao pequeno aclive da calçada dando para o portão do estacionamento automático, a um quarteirão de distância de meu escritório, quando o notei pela primeira vez. Ele estava de pé, em meio à imensa nevada, esquecido dos elementos da natureza, retirando ritmicamente o que pareciam ser migalhas de pão de uma bolsa de papel e jogando-as com cuidado a um amontoado de aves que adejavam e esvoaçavam em volta das dobras de seu capotão de estilo militar. Quase chegando-lhe aos pés.

Observei-o em meio às varreduras metronômicas de meus limpadores de pára-brisa, enquanto apoiava o queixo no volante do carro, tentando criar força de vontade suficiente para abrir a porta do automóvel, sair para a tempestade e caminhar até a caixa de abertura do portão.

Ele me fazia pensar naquelas estátuas erguidas a São Francisco, colocadas em jardins, e que também são vistas nas lojas de arbustos e plantas. A neve encobria-lhe quase completamente os cabelos, que caíam aos ombros, e se borrifara e penetrara na sua barba, os flocos de neve também cobriam as sobrancelhas grossas, acentuando-lhe ainda mais os traços fisionômicos, de malares largos. Em volta do pescoço pendia um cordão de couro e, preso a ele, via-se uma cruz de madeira que oscilava de um para outro lado, enquanto o velho distribuía os pequenos fragmentos da substância que dá vida. Atado ao punho esquerdo havia um pedaço comprido de corda de varal, caído ao chão, em cuja

ponta estava um cão bassê velho e multicolor, com as orelhas se arrastando no acúmulo da neve que caía desde a tarde do dia anterior. Enquanto o olhava, seu rosto irrompeu em sorriso e ele começou a falar com os pássaros. Sacudi a cabeça, em solidariedade silenciosa, e estendi a mão para a maçaneta na porta do carro.

A viagem que tinha feito de casa até o escritório, com suas vinte e seis milhas, havia consumido mais de três horas, meio tanque de gasolina e quase toda a minha paciência. O meu fiel 240-Z, com a transmissão gemendo em queixume constante e monótono em primeira, percorrera um roteiro ininterrupto, passando por inúmeros caminhões e automóveis parados na Estrada Willow, também pelo Expressway Edens, pela Avenida Touhy, cruzando o Ridge, e indo a leste para Devon, passando também pelo cruzamento da Broadway, até o parque de estacionamento da Rua Winthrop.

Fora loucura de minha parte fazer até mesmo a simples tentativa de ir trabalhar aquela manhã. Mas nas três semanas anteriores eu estivera fazendo uma tournée pelos Estados Unidos, promovendo meu livro, *O Maior Vendedor do Mundo*, e após ter dito a quarenta e nove platéias de rádio e televisão, e a mais de duas dúzias de jornalistas, que a perseverança é um dos segredos mais importantes do êxito, não me atrevia a deixar-me derrotar até mesmo por essa feiticeira raivosa, a Mãe Natureza.

Havia, ademais, uma junta de diretores que devia encontrar-se na sexta-feira vindoura. Como presidente da revista *Success Unlimited*, eu precisava dessa segunda-feira, e de todos os outros dias da semana, a fim de passar em exame o desempenho que havíamos alcançado no ano anterior e as projeções no ano seguinte, o que seria feito com cada chefe de departamento. Queria estar pronto, como sempre estive, para o caso de surgirem quaisquer perguntas inesperadas que me fossem feitas depois de me erguer à cabeceira da mesa comprida na sala de reuniões.

O parque de estacionamento, situado no meio de uma zona residencial em decadência, mudava de aparência duas vezes, a cada vinte e quatro horas. Durante as horas do anoitecer e da tarde, era ocupado por veículos que teriam sido vendidos como sucata por qualquer negociante respeitável de carros usados. Havia os automóveis pertencentes aos residentes de apartamentos locais, que não descobriram lugar para estacionamento na rua estreita que dividia seus edifícios cobertos de fuligem.

E, todas as manhãs, eles partiam num êxodo em massa para as fábricas locais e suburbanas; o lugar voltava a encher-se com uma coleção de Mercedes, Cadillacs, Corvettes e BMW quando advogados, médicos e os estudantes da Universidade Loyola vinham à cidade, chegando de seu mundo suburbano, para cuidarem da vida.

Em qualquer outra época do ano, esse parque de estacionamento não passava de uma mancha sarnenta, uma bofetada com o dorso da mão em todos os moradores do lugar. Por todos os anos em que eu estacionara ali, não pudera ver uma só tentativa, por parte de seus proprietários, residentes no centro da cidade, de retirada do lixo, dos jornais encharcados, latas vazias e garrafas também vazias que se amontoavam em pequenas pilhas, encostadas na cerca de correntes enferrujadas. A única coisa que o parque de estacionamento tinha a seu favor era que não existia qualquer outro local público de estacionamento naqueles dez quarteirões.

Hoje, entretanto, enquanto todos os pecados do mundo pareciam sepultados sob quase três pés de neve, ele me fazia pensar em uma faixa da praia de Grove, na costa californiana do Pacífico, até mesmo em seus pequenos montes brancos que, ainda ontem, tinham sido automóveis.

Ao que parecia, os elementos locais não se haviam retirado, de manhã. Todos provavelmente tinham dado uma olhada em suas máquinas enterradas pela neve, transformadas agora em iglús, e seguiram de ônibus para o trabalho ou voltaram para a cama.

A entrada para o parque de estacionamento era entre dois postes, afundados no concreto e postos a aproximadamente três metros de distância um do outro sobre os quais se via um portão-barra, de ferro oco. Para erguer esse portão, a fim de se entrar no parque de estacionamento, depositavam-se duas moedas de vinte e cinco centavos na fresta de uma caixa metálica branca, esperando-se que o portão se abrisse; logo que este era acionado eletronicamente pelas moedas, passava-se então com o carro. Depois disso, as rodas do veículo apertavam algum tipo de mecanismo, de modo automático, no asfalto, fazendo o portão fechar. Para sair do estacionamento necessitava-se de duas outras moedas iguais... a menos que se tivesse uma chave especial, que se podia alugar por 20 dólares mensais. As chaves eram enfiadas em uma caixa amarela especial, a fim de acionar o portão, tanto na entrada como na saída.

Depois de desviar minha atenção do samaritano que dava de comer aos pombos, descobri minha chave do portão no porta-luvas, forcei a porta do carro contra a neve acumulada que estava bastante alta e saí cautelosamente. De imediato percebi que fora burro o bastante para usar galochas baixas num dia como aquele.

O velho interrompeu seu trabalho de alimentar os pombos o suficiente para olhar em minha direção e acenar.

O cachorro latiu uma vez; depois, foi silenciado por algumas palavras ininteligíveis, ditas pelo dono. Acenei na sua direção e obriguei-me a sorrir. Meu “bom dia” pareceu estranho e abafado naquela nevasca que abafava os sons.

Sua resposta, na voz mais profunda que eu ouvira até então, parecia reverberar nos edifícios em volta. Certa feita, Danny Thomas encontrou-se com o comentarista de rádio Paul Harvey, e após ouvir sua voz disse: “É melhor que você seja Deus, porque tem a voz exata dele.” Pois aquela voz fazia com que meu amigo Paul parecesse nada menos do que um tímido menino de coro de igreja.

- Receba meus cumprimentos neste belo dia!

Eu não tinha nem disposição nem desejo de contrariar suas palavras. Fiz a chave virar na caixa amarela, até ouvir que o mecanismo entrava em ação, e depois, entre escorregando e caminhando, voltei ao automóvel. Atrás de mim, como acontecera em milhares de ocasiões anteriores, ouvi que o portão rangia, ao se erguer para minha entrada.

Mas... assim que voltei ao volante do carro, pronto para acioná-lo e ingressar por aquela neve profunda no local de estacionamento, o portão caiu com estrondo em sua posição horizontal de início, com um clangor alto e metálico.

Suspirei contrariado, desengrenei o carro, voltei a abrir a porta, regresssei à neve fria, subi até a caixa amarela e acionei novamente minha chave. O portão mais uma vez se levantou, apontou a extremidade enferrujada para os céus cheios de neve e depois voltou a cair. BONG! Impaciente, acionei mais uma vez a chave, desta feita com força suficiente para parti-la. A mesma coisa. Um curto-circuito nos fios, talvez, por causa de toda a umidade? Inútil. Não havia como colocar meu carro no estacionamento. E se o deixasse na rua, seria rebocado, com certeza. Li-

mitei-me a ficar ali parado, os pés afundados na neve, amaldiçoando a idiotice daquela viagem abortada, enquanto esfregava os olhos para retirar flocos de neve.

- Quando eu começava a duvidar de tudo que havia escrito ou afirmado sobre o valor da perseverança, o desconhecido que alimentava pombos interrompeu meu ataque de auto-comiseração:

- Deixe-me ajudar.

Sua voz era realmente extraordinária e havia nela um misto de ordem e oferta de auxílio, em tom vigoroso. Ele se aproximara de mim e eu me pusera a fitar um rosto notável: magro, rugas pronunciadas, grandes olhos castanhos. Devia ter mais de dois metros de altura, porque eu não sou um pigmeu. Sorri e dei de ombros diante desse Abraham Lincoln em cópia a carbono e disse:

- Obrigado, mas não acho que possamos resolver o problema.

As marcas de rugas fundas em volta de seus olhos e boca formaram o mais caloroso e gentil sorriso que vi em um semblante humano, enquanto ele fazia um gesto na direção do por tão recalcitrante.

- Não será difícil. Acione a caixa com a chave, outra vez. Quando o portão subir, eu me ponho debaixo dele, agarro-o com os braços e o mantenho no alto, até que o carro passe. Depois deixarei cair.

- É um portão pesado – observei.

Sua gargalhada ecoou por aquele espaço aberto.

- Sou velho, mas muito forte. E vale a pena, com certeza, tentar solucionar o seu problema. Carlyle já disse que todo o trabalho nobre parece impossível, de início.

- Carlyle?

- Sim, Carlyle. Thomas. Ensaísta inglês do século dezenove.

Eu não acreditava no que ouvia. Lá estava eu, em meio à nevasca, o vento gelado cortando-me o rosto, os pés encharcados e congelando, transformando-me em boneco de neve... enquanto um *hippie* de setenta anos de idade e cabelos compridos me proporcionava um mini-curso de literatura inglesa.

O que mais podia fazer? Acredito muitíssimo no exame das opções que nos são apresentadas, mas aprendi também que existem ocasiões e situações nas quais não se tem opção alguma. Murmurei agradecimentos e esperei, enquanto o velho puxava gentilmente seu bassê na direção da cerca, onde tirou a corda do punho e a amarrou entre dois elos da corrente. Depois, ele voltou para o meu lado e moveu a cabeça, como que incentivando-me à ação. Quase que hipnoticamente, obedeci à ordem silenciosa e revirei a chave na caixa. O portão, gemendo, voltou a subir. Então o velho se colocou por baixo dele e agarrou o metal gelado, mantendo-o no alto.

Não me lembro bem como decorreram os minutos seguintes, embora tenha pensado muito a esse respeito.

Talvez a refeição leve e apressada que havia feito de manhã, a viagem prolongada de carro houvessem finalmente cobrado seu preço. Senti-me estonteado e minha visão pareceu perder a capacidade de focalizar... como se alguém houvesse passado vaselina sobre meus olhos. Tudo parecia difuso. Um estremecimento estranho sacudia-me o corpo, enquanto eu tentava fixar a visão na aparição que tinha à frente.

Em meio à neve que tombava, podia ver a cruz de madeira no peito dele, e talvez isso é que tenha desencadeado a ilusão... cabelos compridos, barba, as mãos estendidas em ângulo de 45 graus sobre a cabeça... o portão de ferro... a barra cruzada... o patibulum carregado pelo homem condenado, a caminho do Gólgota para a crucificação...

Sua voz, agora, em tom de urgência, irrompeu em meio à minha fantasia.

- Depressa. Entre! Entre!

Voltei afobadamente ao automóvel, mudei a engrenagem para primeira, apliquei pressão gradual no acelerador, os pneus pegaram e segui devagar, passando pelo desconhecido, por baixo da barra e entrando, finalmente.

Fiz o carro parar com suavidade em ponto morto entre os montes de neve e desliguei a ignição. Minhas mãos tremiam, a cabeça latejava. As pernas estavam fracas.

Depois, apanhei a mala no banco de trás, abri a porta e caí de cabeça na neve, atingido por uma vertigem. Levantei, limpei-me e tranquei o carro. Olhei, então, para o portão, a fim de agradecer ao velho. O meu salvador, no estacionamento, desaparecera.



Dois

Não voltei a vê-lo senão ao final da primavera.

Era uma dessas sextas-feiras que parecem não ter fim.

Os problemas referentes a questões rotineiras na publicação de uma revista mensal haviam aumentado em velocidade e número durante o dia e, à altura em que todos os probleminhas haviam sido resolvidos, eu me achava a sós e derreado, tanto física quanto mentalmente.

Sentei-me à escrivaninha, ouvindo o ruído suave do relógio sobre a mesa e receando aquela longa viagem de automóvel para casa, no meio do tráfego. Mesmo àquela hora o Expressway Edens estaria congestionado. Mais uma vez as perguntas persistentes e incessantes vinham à minha mente.

“Por que está trabalhando tanto assim?”

“Você achou que seria mais fácil, depois de se tornar o Figurão?”

“Por que você não se demite? Os direitos autorais do livro já são quatro vezes maiores do que o seu salário.” “O que está tentando provar, agora? Que a revista é um êxito?”

“Por que não vai para outra parte, onde reine a paz, a tranquilidade, e escreve todos os livros que ainda estão ardendo dentro de você?”

O hábito e o meu amor-próprio pareciam constituir as únicas respostas lógicas a essas perguntas. Eu havia levado a revista *Success Unlimited*, de uma circulação mensal de apenas quatro mil exemplares, com treze empregados, à circulação atual de 200 mil e um quadro de trinta e quatro pessoas. Mesmo assim, sabia que ainda havia 120 milhões de possíveis assinantes em nosso país, e constituía um desafio partir no calção deles. Depois, procurei lembrar-me de quem escrevera afirmando que “o início do orgulho está no céu. A continuação do orgulho acha-se na Terra. O fim do orgulho encontra-se no inferno”. Não consegui lembrar-me, a memória estava fraca.

Joguei os óculos de leitura dentro da pasta, agarrei o paletó e o capotão, apaguei as luzes e tranquei o escritório.

A não ser pela lâmpada da rua na esquina da Broadway e Devon, a escuridão era completa, enquanto caminhei devagar, passando pelas janelas dos *Root Photographers*, atravessando a entrada do beco por trás de nosso edifício, passando por baixo da ponte ferroviária e atravessando a pequena abertura que dava para o estacionamento, com seu letreiro luminoso apelativo, feito em amarelo e cor de abóbora, dizendo: “Estacione você mesmo. Apenas 50 centavos.”

Estava a meio caminho do estacionamento ensombrecido, agora quase totalmente cheio de automóveis da vizinhança, quando o vi. Sua silhueta alta movimentava-se em silêncio, vinda de trás de um caminhão estacionado, e mesmo na escuridão eu o reconheci, antes de ver o cachorro que o acompanhava. Voltei-me e caminhei em sua direção.

- Boa noite.

Aquela voz de baixo profundo respondeu:

- Apresento-lhe cumprimentos nesta noite belíssima, senhor.

- Nunca tive a oportunidade de agradecer-lhe por me ajudar na neve, aquele dia.

- Não foi nada. Todos estamos aqui para nos ajudar mutuamente.

Estendi a mão para afagar o bassê que estivera focinhando a perna de minha calça, depois estendi a mão para o velho.

- Meu nome é Mandino... Og Mandino.

Seus dedos gigantescos envolveram os meus.

- É uma honra conhecê-lo, Sr. Mandino. Eu me chamo Simon Potter... e este aliado quadrúpede que tenho chama-se Lazarus.

- Lazarus?

- Sim. Ele dorme tanto tempo que nunca sei se está morto ou vivo.

Tive de rir.

- Vai perdoar-me, Sr. Mandino, mas o seu primeiro nome é muito incomum. Og, Og... como o escreve?

- O... G.

- Foi o nome que lhe deram?

Voltei a rir.

- Não, meu nome verdadeiro é Augustine. No ginásio eu escrevia uma coluna para o jornal da escola e um dia assinei com as letras AUG. Depois de ter escrito, achei que podia ser diferente e escrevi foneticamente... OG. E ficou assim.

- É um nome raro. Não podem haver muitos Ogs neste mundo.

- Já me disseram que um chega, e sobra.

- Continua escrevendo?

- Sim.

- Que tipo de coisas escreve?

- Livros, artigos.

- Os seus livros foram publicados?

- Sim, cinco deles.

- Isso é formidável. Quem contaria encontrar um escritor aqui, entre garrafas de vinho vazias?

- Receio muito que é exatamente em lugares assim que se podem encontrar muitos escritores, Simon.

- Sim, é triste, porém verdade. Eu também escrevo um pouco... mas só para passar o tempo e me satisfazer.

O velho se aproximou mais, como se quisesse examinar melhor o meu semblante.

- Parece cansado, senhor Mandino... ou melhor, acho que vou chamá-lo de senhor Og.

- Estou cansado, sim. Foi um dia comprido... uma semana comprida.

- Ainda tem muito a viajar, até que chegue à sua casa?

- Cerca de vinte e seis milhas.

Simon Potter voltou-se e apontou com o braço comprido para o edifício de apartamentos, de quatro andares, diante do parque de estacionamento.

- Eu moro ali. No segundo andar. Antes que comece sua longa viagem de volta a casa, tome um copo de xerez comigo. Vai servir para que descanse um pouco.

Comecei a sacudir a cabeça em negativa, mas, como na neve aquele dia, descobri que queria obedecer-lhe. Abri a porta do automóvel, joguei lá o capotão e a pasta, tranquei-a em seguida e o acompanhei, caminhando atrás de Lazarus.

Passamos pela portaria encardida e mal-cuidada, pelas caixas de correio feitas de latão, com os nomes escritos em plástico amarelado, e galgamos a escadaria de concreto, gasta pelo uso. Simon tirou do bolso a chave, enfiou-a na fechadura da porta feita de pinho, manchada, na qual o número “21” fora marcado com tinta vermelha, abriu-a e fez gesto amplo para que eu entrasse. Acendeu o interruptor e disse:

- Perdoe meu retiro humilde. Moro sozinho, a não ser por Lazarus, e arrumar a casa nunca foi uma de minhas atividades favoritas.

Não precisava desculpar-se. A saleta minúscula apresentava-se imaculada, desde o tapete oval, enxadrezado e sem poeira, até o teto sem qualquer teia de aranha. Quase imediatamente notei os livros, centenas de livros, transbordando das duas estantes enormes e formando pilhas muito bem arrumadas, quase tão altas quanto o dono.

Lancei olhar inquiridor a Simon. Ele deu de ombros, aquecendo o aposento com seu sorriso.

- O que mais pode um velho fazer, senão ler... e pensar? Por favor, ponha-se à vontade, e já servirei nosso xerez.

Quando Simon saiu para a cozinha, caminhei até os livros e comecei a ler os títulos, esperando que me dissessem algo sobre aquele gigante. Inclinei a cabeça e, com o olhar, percorri algumas das lombadas_ *César e Cristo*, de Will Durant; *O Profeta*, de Gibran; *As Vidas de Grandes Homens*, de Plutarco; *Fisiologia do Sistema Nervoso*, de Fulton; *O Organismo*, de Coldstein; *O Universo inesperado*, de Eiseley; *Dom Quixote*, de Cervantes; *Obras*, de Aristóteles; *A Autobiografia*, de

Franklin; *A Mente Humana*, de Menninger; *A Imitação de Cristo*, de Kempis; *O Talmude*, diversas bíblias...

O dono da casa caminhou em minha direção, estendendo-me o copo de vinho. Segurei-o e o encostei de leve no copo dele. As orlas tocaram-se, com ruído suave e lindo, naquele aposento imerso no silêncio. Simon falou:

- A nossa amizade. Que seja prolongada e cheia de bem.

- Amém – respondi.

Ele apontou, com o copo, na direção dos livros.

- O que acha de minha biblioteca?

- É uma grande coleção. Bem queria ter esses livros.

Noto que seus interesses são amplos.

- Não creia. Eles constituem o resultado de muitos anos de horas agradáveis, passadas nos sebos. Ainda assim, apresentam um tema comum que faz com que cada volume se torne coisa muito especial.

- Especial?

- Sim. Cada qual, a seu modo, lida com certo aspecto do maior milagre do mundo, e o explica, de modo que eu os chamo de livros da “mão de Deus”.

- Mão de Deus?

- É difícil enunciar em palavras... mas, ainda assim, tenho a certeza de que certas músicas, certas obras de arte e certos livros e peças foram criados não pelo compositor, artista, escritor ou dramaturgo, mas por Deus, e aqueles que reconhecemos como sendo os criadores dessas obras foram apenas os instrumentos empregados por Deus a fim de entrar em comunicação conosco. O que se passa, senhor Og?

Ao que parecia, eu dera um salto, diante de suas palavras. Apenas duas semanas antes, na cidade de Nova York, Barry Farber, um conhecido apresentador radiofônico, utilizara exatamente essas palavras – “a mão de Deus” – quando louvara meu livro para seus ouvintes, durante minha apresentação em seu programa.

- Quer dizer que acredita que Deus ainda se comunica conosco, assim como o fez durante os dias dos antigos profetas judaicos?

- Tenho certeza absoluta. Por milhares de anos este mundo testemunhou um desfile incessante de profetas que pronunciavam e explicavam a vontade de Deus... Elias, Amos, Moisés, Ezequiel, Isaías, Jeremias, Samuel e todos os outros mensageiros maravilhosos, até Jesus e Paulo. E depois... terminou. Não posso acreditar. Não importa quantos de Seus profetas tenham sido ridicularizados, castigados, torturados e até assassinados; não consigo conceber que Deus finalmente desistisse de nós e voltasse Suas costas às nossas necessidades, fazendo com que alguns de nós finalmente supusessem que Ele devia estar morto, já que não O ouvíamos por tanto tempo. Em vez disso, acredito sinceramente que Ele enviou, a cada geração, pessoas especiais, pessoas talentosas, pessoas brilhantes... todas elas trazendo a mesma mensagem, de uma forma ou de outra... a de que todo ser humano é capaz de executar o maior milagre do mundo. E a falta mais deplorável do homem é que ele não compreendeu a mensagem, ofuscado como se encontra pelas banalidades de cada civilização que surge.

- Qual é o maior milagre no mundo que todos nós podemos executar?

- Em primeiro lugar, senhor Og, pode definir para mim o que seja um milagre?

- Acho que sim. É algo que acontece contrariamente às leis da natureza ou ciência— a suspensão temporária de uma dessas leis?

- Apresentou a coisa de modo muito conciso e preciso, senhor Og. Agora, diga-me, acredita que seja capaz de executar milagres... de suspender quaisquer leis da natureza ou da ciência?

Dei uma risada nervosa e sacudi a cabeça, em negativa. O velho levantou-se, apanhou um pequeno peso de papel sobre a mesinha de café e estendeu-o a mim.

- Se eu soltar este peso ele cairá ao chão, não é verdade?

Assenti.

- Que lei decreta que ele cai ao chão?

- A lei da gravidade?

- Exatamente. – E depois, sem qualquer aviso, deixou que o peso de papel caísse de suas mãos. Instintivamente estendi as minhas e o apanhei, antes que batesse no chão.

Simon entrelaçou os dedos e fitou-me, com um sorriso de satisfação.

- Compreende o que acabou de fazer, senhor Og?

- Apanhei o peso de papel.

- Mais do que isso. O seu ato suspendeu temporariamente a lei da gravidade. Por qualquer definição de milagre que se deseje, acabou de executar um deles. Pois bem, o que acha que tenha sido o maior milagre jamais executado nesta terra?

Pensei por diversos minutos.

- Talvez aqueles casos em que os mortos, ao que se afirma, voltaram à vida.

- Concordo, como tenho a certeza de que concordaria a opinião de todo o mundo.

- Mas como tudo isso se relaciona àqueles livros que estão empilhados? Eles, com certeza, não contém qualquer método secreto sobre como voltar da morte.

- Ah, mas eles contém, sim, senhor Og. A maioria dos seres humanos, em graus diversos, já está morta. De um modo ou de outro, perderam seus sonhos, desejos, vontade de alcançar uma vida melhor. Desistiram da luta pela auto-estima e comprometeram o grande potencial de que são possuidores. Acomodaram-se a uma vida de mediocridade, dias de desesperança e noites de lágrimas. Não são mais do que mortos-vivos confinados aos cemitérios de suas próprias escolhas. Mas não precisam permanecer nesse estado. Podem ressuscitar, sair de seu estado deplorável.

Todos eles podem executar o maior milagre do mundo.

Podem voltar dos mortos... e naqueles livros se encontram os segredos e as técnicas e métodos simples que ainda podem aplicar às suas

próprias vidas, a fim de executarem qualquer coisa que desejem e alcancarem todas as verdadeiras riquezas da vida.

Eu não sabia o que dizer ou como responder.

Permaneci sentado fitando-o, até que ele rompesse o silêncio.

- Aceita a possibilidade de que as pessoas executem tal milagre em suas próprias vidas, senhor Og?

- Sim, certo.

- E já escreveu sobre tais milagres, em seus livros?

- Às vezes.

- Gostaria de ler o que escreveu.

- Vou trazer-lhe um exemplar de meu primeiro livro.

- Existem milagres nele?

- Sim, muitos.

- Quando o escreveu, achou que a mão de Deus estava no senhor?

- Não sei, Simon. Creio que não.

- Talvez eu possa dizer-lhe, depois de tê-lo lido, senhor Og.

Permanecemos sentados, após essa troca de palavras, em tranqüilidade interrompida apenas pelo ruído ocasional de um caminhão ou ônibus que vinha pela Avenida Devon.

Beberiquei o xerez, senti-me mais descansado e em paz com o mundo do que ocorrera em muitos meses.

Finalmente coloquei o copo na extremidade da mesinha ao lado de minha cadeira e descobri que estava fitando duas pequenas fotografias, ambas com pequena moldura de bronze. Uma era de uma linda morena, a outra de um menino louro, em uniforme militar. Olhei para Simon e ele percebeu a pergunta silenciosa.

- Minha esposa, meu filho.

Assenti. Sua voz, tão branda agora que quase não a conseguia ouvir, pareceu flutuar por aquele aposento pequeno, até meus ouvidos.

- Ambos estão mortos – explicou.

Fechei os olhos, assenti outra vez, Suas palavras seguintes não passavam de um murmúrio:

- Dachau, 1939.

Quando abri os olhos, o velho estava com a cabeça baixa, as mãos gigantescas cerradas, bem apertadas na testa.

E então, como se estivesse embaraçado por se expor momentaneamente a um estranho, em seu pesar, sentou-se e obrigou-se a sorrir.

Mudei de assunto.

- O que faz, Simon? Tem emprego?

O velho hesitou por alguns momentos. Depois voltou a sorrir, abriu as mãos aparentando humildade, e disse:

- Eu sou apanhador de papéis, senhor Og.

- Pensei que os apanhadores de papéis haviam desaparecido, desde a época da Depressão.

Simon estendeu a mão e colocou-a em meu ombro, apertando-o com suavidade.

- Por definição, senhor Og, um apanhador de papéis é aquele que apanha papéis e outros detritos nas ruas e nos montes de lixo, a fim de ganhar a vida. Eu diria que esse tipo de apanhador de papéis desapareceu quase por completo do cenário americano durante estes anos de emprego quase pleno, mas poderemos voltar a vê-lo, se as coisas mudarem.

- Duvido. Nossa taxa de criminalidade parece estar nos dizendo que descobrimos meios mais rápidos e mais fáceis de arranjar um dólar, como o assalto, o roubo.

- Receio que seja verdade o que diz, senhor Og, mas, ainda assim, nestes dias de preços fantásticos cobrados pelo papel e pelos metais, acredito que um apanhador de papéis ou vasculhador de lixo possa arranjar-se muitíssimo bem.

No entanto, não sou desse tipo de apanhador de papéis.

Procuro materiais mais valiosos do que jornais velhos e latas de cerveja vazias. Procuro os materiais desperdiçados da espécie humana, pessoas que foram descartadas pelas outras, ou até por si próprias, pessoas que ainda têm grande capacidade, mas perderam o amor-próprio e o desejo de viverem melhor. Quando as encontro, procuro modificá-lhes as vidas para um sentido melhor, dar-lhes nova sensação de esperança e direção, ajudo-as a voltarem de sua morte viva... o que, para mim, é o maior milagre do mundo.

E, está claro, a sabedoria que recebi de meus livros de “mão de Deus” ajudou-me imensamente no que, como vou dizer, é a minha profissão. Está vendo esta cruz de madeira que uso com frequência? Foi esculpida por um jovem que trabalhou em uma companhia de navegação. Encontrei-o certa noite na Avenida Wilson... ou melhor, devo dizer que esbarramos um no outro. Ele estava embriagado, e eu o trouxe até aqui. Depois de diversas xícaras de café forte, um chuveiro frio e alguma comida, conversamos. Ele era realmente uma alma perdida, quase esmagada por sua incapacidade de sustentar adequadamente a esposa e dois filhos. Estivera trabalhando em dois empregos, por mais de dezessete horas por dia, quase três anos, e chegara ao ponto de desespero. Começara a esconder-se na garrafa, quando o encontrei... procurando não enfrentar sua morte viva e a consciência, a lhe afirmar que ele não merecia a família jovem e formidável que tinha. Consegui convencê-lo de que sua situação era comum e muito longe de desesperada, e ele começou a me visitar, quase todos os dias, antes de ir para seu emprego noturno. Juntos, exploramos e examinamos muitos dos segredos antigos e modernos da felicidade e do êxito. Calculo que eu tenha me valido de todos os homens sábios, desde Salomão e Emerson a Gibran. E ele ouviu com atenção.

- O que aconteceu, depois?

- Quando ele estava com mil dólares economizados, abandonou ambos os empregos, levou a família no velho carro Plymouth e partiu rumo ao Arizona. Agora, estão com uma pequena loja ao lado da estrada, logo além de Scotsdale, e ele começou a obter preços bem elevados por suas esculturas em madeira. De vez em quando escreve, sempre a me agradecer por lhe ter dado a coragem de que necessitava para mudar de vida. Esta cruz foi uma de suas primeiras esculturas. É, agora, um homem feliz e realizado... não mais rico, preste bem atenção, só mais feliz.

A questão, senhor Og, é que muitos de nós – a maioria – construímos uma prisão para nós mesmos e, depois de ocupá-la por um determinado período, acostumamo-nos às suas paredes e aceitamos a premissa falsa de que ali nos achamos encarcerados por toda a vida. Assim que essa crença se apodera de nós, abandonamos a esperança de fazermos mais de nossas vidas e de chegarmos a dar a nossos sonhos qualquer possibilidade de realização.

Tornamo-nos fantoches e começamos a sofrer mortes vivas.

Pode ser digno de louvor e nobre sacrificar nossa vida a uma causa ou a um negócio, ou à felicidade dos outros, mas se nos sentimos muito mal e incompletos nesse estilo de vida, e temos conhecimento do fato, nesse caso, permanecer assim é hipocrisia, mentira, a rejeição da fé depositada em nós por nosso criador.

- Simon, perdoe-me, mas será que lhe ocorre o pensamento de que talvez você não deva intervir nas vidas alheias, ou não tem o direito de fazê-lo? Afinal de contas, eles não estão procurando você. Você tem de encontrá-los e convencê-los de que eles podem ter uma vida nova, se estiverem prontos a tentar. Você não está tentando fazer o papel de Deus?

O rosto do velho abrandou-se, com expressão de compreensão e compaixão por minha aparente falta de percepção e entendimento. Mesmo assim, sua resposta foi curta... e cheia de perdão.

- Senhor Og, eu não estou fazendo o papel de Deus.

O que o senhor vai aprender, mais cedo ou mais tarde, é que Deus nada fará sem o homem e sempre que Ele executa um milagre, isso é feito por meio do homem.

Ergueu-se, como para encerrar abruptamente nossa visita, técnica que utilizei com frequência no gabinete, se convinha mais, a mim, encerrar uma entrevista.

Apertei-lhe a mão, enquanto seguia para o corredor.

- Obrigado pela hospitalidade e pelo xerez.

- Foi um prazer, senhor Og. E, por favor, traga-me um exemplar de seu livro, quando puder.

Durante aquela prolongada viagem de volta para casa, de automóvel, uma pergunta continuava a se apresentar a meus pensamentos...

Se aquele velho e sábio apanhador de papéis se especializava em salvar seres humanos, por que motivo perdia tempo comigo... presidente rico e vitorioso de uma companhia, que pagava quase cinquenta por cento de imposto sobre a renda, e que acabara de escrever um *bestseller* nacional?



Três

Alguns dias depois, quando saía do automóvel no estacionamento, ouvi que me chamavam, com volume de voz pouquíssimo mais baixo, em contagem de decibéis, que o do sistema de alto-falantes no Campo Wrigley. Olhei ao redor, não consegui divisá-lo.

- Senhor Og, senhor Og... aqui em cima!

Simon achava-se inclinado na janela do apartamento do segundo andar, por cima de uma caixa de plantas na janela, sacudindo um pequeno regador azul a fim de atrair minha atenção.

Acenei de volta.

- Senhor Og... Senhor... seu livro, seu livro. Não se esqueça da promessa.

Assenti.

Ele apontou para dentro do apartamento.

- Esta noite... antes de ir para casa?

Voltei a assentir.

Ele sorriu e gritou:

- Estarei com o xerez pronto.

Fiz sinal de concordância, tranquei o carro e parti rumo aos problemas do dia.

“Simon Potter, *quem é você?*”

“Simon Potter, *o que é você?*”

“Simon Potter, *por que é você?*”

Como se fosse um rondó simples e quase esquecido, guardado de minha infância, descobri que repetia em silêncio essas três perguntas, em sincronia com minhas passadas, seguindo afobadamente rumo ao escritório.

Eu não conseguira controlar meus sentimentos com relação ao velho, e isso me aborrecia. Ele me encantava... e, por algum motivo inexplicável, assustava-me também.

Tanto sua aparência quanto seus modos ajustavam-se a todas as minhas noções preconcebidas de como os profetas e místicos bíblicos deviam ter sido e agido, e pensava nele nos momentos mais singulares, como no meio de um encontro orçamentário, enquanto lia artigos que me eram apresentados, ou quando preparava uma crítica de livro. Seu rosto, a voz, os modos carismáticos vinham intrometer-se em qualquer coisa que estivesse fazendo ou pensando e, por momentos, acabavam com minha capacidade de concentração. Quem era ele? De onde tinha vindo? O que estaria esse Isaías dos últimos dias a fazer em minha vida? Talvez eu obtivesse algumas respostas aquela noite. Pelo bem de minha própria paz de espírito, contava que sim.

Quando chegávamos à hora de encerrar os trabalhos, disse a Path Smith, minha secretária, que pedisse um exemplar do livro que escrevera, *O Maior Vendedor do Mundo*, a nosso depósito. Ela fez uma pausa à porta, depois de colocar o livro em minhas mãos.

- Quer mais alguma coisa, Og?
- Não. Obrigado, Pat, até amanhã. Boa noite.
- Boa noite... e não se esqueça de desligar a máquina de café.
- Não esquecerei.
- Você disse isso na última vez que trabalhou até tarde.. e estragou dois bules.

Ouvi que ela trancava a porta da frente, enquanto eu permanecia sentado, segurando o livro, meu livro, minha criação, que estava sendo aclamada pelo *Publishers Weekly* como “o *bestseller* que ninguém conhece”. Em quatro anos, não conseguia chegar às “listas de *bestseller* da cidade grande”, e mesmo assim uma venda fenomenal de quatrocentos mil exemplares encadernados o situara além de qualquer outra edição encadernada de qualquer livro escrito por Harold Robbins, Irving Wallace ou Jacqueline Susann.

Corriam boatos de que diversas casas editoras de livros comuns achavam-se interessadas em adquirir os direitos de reimpressão, e falavam em cifras elevadas... coisa com seis algarismos. Conseguira! E que dizer, se tudo aquilo acontecesse? Eu daria conta do trabalho? Poderia enfrentar toda aquela riqueza e a publicidade nacional que, com certeza, viriam após uma campanha promocional, efetuada por qualquer das grandes casas editoras? Que tipo de preço pessoal eu acabaria pagando por tudo isso? Viria, mais tarde, a me arrepender? Lembrei-me do que Simon dissera sobre as prisões vitalícias que construímos em volta de nós mesmos. Viria esse tipo de êxito a ser chave para me libertar... ou a chave para me trancar? Afinal de contas, o que mais queria eu da vida? Mudaria meu modo de viver, se tivesse esse tipo de liberdade financeira? Quem pode apresentar uma resposta verdadeira a essas perguntas, antes que ocorra o fato?

Coloquei todos os pensamentos do tipo “o que, se” fora do espírito e abri o livro, a fim de autografá-lo para Simon. O que poderia eu escrever na folha em branco, que fosse adequado àquele homem de aspecto santo? De algum modo as palavras adequadas afiguravam-se-me importantes, e o que poderia um perito em Gibran, Plutarco, Platão, Sêneca e Eiseley pensar de meu livrinho, depois de tê-lo lido? Isso importava, a mim.

Comecei a escrever...

A Simon Potter

O Melhor Apanhador de Papéis de Deus

Com amor

Og Mandino

Lembrei-me de desligar a máquina de café, liguei também o alarme contra ladrões, apaguei as luzes, tranquei as portas e atravessei o parque de estacionamento, ensombrecido, até o edifício de apartamentos. Descubri o número 21 garatujado em tinta amarela acima de uma das caixas do correio na portaria, apertei duas vezes o botão da campainha e subi as escadas. Simon esperava por mim no corredor.

- Lembrou-se!

- Você me fez lembrar!

- Ah, sim. Como a maioria dos velhos, sou ao mesmo tempo grosseiro e presunçoso. Desculpe-me por essas coisas, senhor Og. Entre, entre.

Enquanto continuávamos em pé, efetuamos nosso intercâmbio. Entreguei-lhe meu livro e ele me deu um copo de xerez. Fechou a cara, quando leu o título.

- *O Maior Vendedor do Mundo?* Muito interessante.

Posso adivinhar quem seja essa criatura?

- Nunca adivinhará, Simon. Não é quem você pensa.

Depois ele abriu a capa e leu minha dedicatória. O semblante pareceu abrandar-se, e quando me fitou, com aqueles olhos grandes e castanhos, eles estavam umedecidos.

- Obrigado. Sei que vou gostar dele. Mas por que fez uma dedicatória assim? Apanhador de papéis, sim... mas o melhor de Deus?

Apontei na direção de seus livros empilhados.

- Quando estive aqui antes, você me falou sobre sua teoria de que alguns livros foram escritos e guiados pela mão de Deus. Eu calculei que, se você sabe reconhecer quando um escritor foi tocado pela mão de Deus, é porque deve ser amigo especial d'Ele.

Examinou-me o semblante com atenção, fitou-me por minutos interminavelmente incômodos, até que eu rompesse nosso contato ocular.

- E gostaria que lesse seu livro e resolvesse se, em minha opinião, ele pertence ou não à mesma categoria dos outros... ajudado pela mão de Deus, por assim dizer?

- Não sei se quero que você faça isso ou não, Simon.

Talvez subconscientemente eu queira, mas não pensei no assunto. Tudo que sei, com certeza, é que fico com as premonições mais singulares, quando me encontro em sua companhia. Você está muito em meus pensamentos e eu não sei qual o motivo.

O velho inclinou para trás a cabeça, já sentado em sua cadeira estofada, fechando os olhos.

- Uma premonição é um aviso, com presságio de algo que está prestes a acontecer. É assim que se sente, quando está comigo, ou quando pensa em mim?

- Não tenho certeza completa de que isso explique a sensação que me ocorre.

- Talvez seja uma sensação de que nos tenhamos conhecido antes, ou partilhado alguma vivência no passado? Como é que os franceses o chamam... ah, sim... *déjà vu*.

- Isso se aproxima mais do que sinto. Você já esteve em um sonho e, ao despertar, esforçou-se para lembrar-se dele, e tudo que ficou em sua memória foram sombras e vozes irreconhecíveis, sem sentido e sem qualquer relação com sua vida?

O velho assentiu.

- Muitas vezes.

- Bem, é assim que me sinto quando estou com você ou quando penso a seu respeito. Acho que a criançada haveria de chamar de “coisa”, só que não posso caracterizá-la, porque nunca a senti antes.

- A mente é um mecanismo muito singular, senhor Og.

- Simon, nem posso imaginar quantos livros e artigos de revista já li sobre a mente, nos últimos dez anos, para utilizar a matéria em minha revista. No entanto, quanto mais leio, mais passei a perceber o pouquíssimo que é de nosso conhecimento sobre esse mistério dentro de nós... ou, mesmo, onde se acha localizado.

O velho esfregou a mão pela face e disse:

- O Dr. Karl Menninger escreveu que a mente humana é muito mais do que a bolsinha de truques do cérebro. Na verdade, é toda a personalidade, formada pelos instintos de um ser humano, seus hábitos, recordações, órgãos, músculos e sensações, tudo passando por um processo de mudança constante.

- Eu conheço o Dr. Menninger.

Em pessoa? Realmente?

- Sim.

- Que tipo de homem é ele?

- É um homem gigantesco, quase do seu tamanho, um homem belo, como você... e sempre tem brilho nos olhos, quando está falando.

- Existe, como está dizendo, um “brilho – em meus olhos, senhor Og?

- As vezes, Simon, às vezes.

Ele sorriu contristado.

- A mim agrada mais o que Milton escreveu sobre a mente. “A mente é o seu próprio lugar, e em si pode fazer um céu do inferno e um inferno do céu.” Senhor Og, nossa mente é a maior criação na terra e pode gerar a felicidade mais sublime para seu possuidor... ou pode destruí-lo. No entanto, embora tenhamos recebido o segredo de como controlá-la, para nossa felicidade e benefício, continuamos a funcionar inteiramente ignorantes de seu potencial, como o mais estúpido dos animais.

- O segredo de como controlar nossa mente para nosso benefício...????

Simon apontou na direção das pilhas de livros.

- Está tudo ali. Basta estudar os tesouros que se encontram, expostos, ao nosso redor. Por séculos sem conta o homem comparou sua mente a um jardim. Sêneca disse que a terra, por rica que fosse, não podia ser produtiva sem o cultivo, e tampouco as nossas mentes o poderiam fazer.

Sir Joshua Reynolds afirmou que nossa mente era, apenas, terreno estéril, logo esgotado e improdutivo, a menos que fosse constantemente adubada por idéias novas. E James Allen, em seu clássico monumental *Como um Homem Pensa*, afirmou que a mente do homem era como um jardim que pode ser inteligentemente cultivado ou deixado às ervas, mas, quer cultivado ou negligenciado, produziria. Se nenhuma semente útil fosse plantada, nesse caso uma abundância de ervas inúteis cairia na terra e os resultados seriam plantas erradas, inúteis, daninhas e impuras.

Em outras palavras, tudo aquilo que deixarmos entrar em nossas mentes sempre dará frutos.

Acendi um cigarro e estava atento a todas as palavras.

- Pois bem, o homem está comparando a mente que tem a um computador, mas suas conclusões são as mesmas de Sêneca e dos outros. Os que trabalham com computadores têm uma expressão, na verdade um acróstico, “LELS”... “lixo entra, lixo sai”. Se alguém puser informações defeituosas em um computador, resultarão respostas defeituosas. O mesmo acontece com nossas mentes... quer estejamos pensando em termos de um jardim ou de um computador sofisticado. É colocar material negativo... e será o que colheremos. Por outro lado, se programarmos, ou plantarmos, pensamentos belos, positivos e corretos, e idéias de qualidade, será o que colheremos. A coisa é simples, como vê. Podemos realmente tornarmo-nos o que estamos pensando. Aquilo que o homem pensa no coração, eis o que ele é, Allen afirmou: “O homem é feito ou desfeito por si próprio; no arsenal do pensamento ele forja as armas pelas quais destrói a si mesmo; também modela as ferramentas com as quais constrói para si próprio mansões celestiais de alegria, força e paz. Pela escolha certa e aplicação verdadeira do pensamento, o homem escala a perfeição divina.” Senhor Og, observe essas palavras, “pela escolha certa”. Elas são a pedra fundamental de uma vida feliz e talvez, em alguma outra ocasião, permita que eu me estenda sobre elas.

- Em outras palavras, Simon, você está dizendo que podemos programar nossa mente, mas como?

- Muito simples. Podemos fazê-lo sozinhos, ou outros o farão por nós. Basta ouvir ou ler repetidamente um pensamento ou afirmação, quer seja a maior verdade ou a mais vil das mentiras, e nossa mente o imprimirá e ele logo se tornará uma parte permanente de nossa personalidade, tão forte que até mesmo agiremos de acordo com ele, sem pensarmos ou refletirmos no futuro. Hitler, como haverá de lembrar-se, fez isso com todo um país, e “lavar o cérebro” é uma expressão com a qual estamos por demais familiarizados, após muitos acontecimentos contristas, junto a nossos soldados capturados no Oriente.

- Nós nos tornamos o que pensamos?

- Sempre!

Parecia-me boa oportunidade para fazer algumas sondagens, de modo que me vali dela.

- Simon, fale-me sobre você. Importa-se em fazê-lo?

Ele sacudiu a cabeça, colocou o copo de vinho sobre a mesinha do abajur, cruzou os braços e olhou para eles enquanto falava.

- Não me importo. Faz muitos anos que não tenho uma oportunidade como esta e compreendo também que o senhor está contando que eu possa trazer à baila algum fato, alguma pista a esclarecer o que parece estar a preocupá-lo em nossa relação. Em primeiro lugar, tenho setenta e oito anos de idade e desfruto saúde. Acho-me neste país desde 1946.

- Veio para cá logo após a guerra?

- Sim.

- O que fez, antes da guerra?

Ele sorriu.

- Sei que vai ser necessário considerável dose de boa fé, de sua parte, para me acreditar, mas chefieei a maior firma de exportações e importações na Alemanha, lidando exclusivamente com artigos vindos do Oriente Médio. Meu lar era em Frankfurt, mas o escritório central da firma ficava em...

Eu o interrompi.

- Damasco?

Ele me lançou um olhar singular.

- Sim, senhor Og, Damasco.

Esfreguei a mão no rosto e tomei o resto do xerez.

Como, em nome de Deus, eu soubera? Por algum motivo inexplicável. Assomou-me o impulso repentino de levantar-me e sair correndo de seu apartamento. Em vez disso continuei sentado, as pernas inteiramente imóveis, paralisadas por um dilema desconhecido. Não queria ouvir mais e, ao mesmo tempo, desejava ouvir tudo. O jornalista, em mim, finalmente venceu e comecei a fazer-lhe perguntas, como se fosse um

promotorzinho ambicioso, de uma localidade interiorana. Ele respondia a cada uma de minhas perguntas em seu próprio ritmo.

- Simon, vocês tinham filiais?

- Dez, em cidades tais como Jerusalém, Bagdá, Alexandria, Cairo, Beirute, Aleppo...

- Dez?

- Dez.

- Que tipo de mercadorias exportavam e importavam?

- Na maior parte, artigos com algum grau de raridade e valor. Lãs e linhos acabados, porcelanas finas, pedras preciosas, os melhores tapetes, alguns artigos de couro, papéis apergaminhados...

- Você disse que sua firma era grande?

- Éramos a maior do tipo, em todo o mundo. Nosso volume de vendas anuais, mesmo no meio da depressão, em 1936, ultrapassou mais de duzentos milhões de dólares, em moeda americana.

- E você era presidente da companhia? Simon abaixou a cabeça, com timidez.

- Não é difícil tornar-se presidente da companhia, quando se é o único dono e fundador e... – ele ergueu meu livro, apontando o título – e também o maior vendedor da companhia.

Levantou-se, voltou a encher meu copo. Tomei metade dele, enquanto examinava Simon com muito cuidado. Estaria ele a me tapear? Finalmente agarrei-lhe o braço e o fiz voltar-se com gentileza para mim, de modo que lhe fitava diretamente nos olhos.

- Simon, na verdade você já leu o meu livro?

- Perdoe-me, senhor Og, mas nunca vi um exemplar de seu livro, senão esta noite. Por que pergunta?

- *O Maior Vendedor do Mundo* se passa na época de Cristo. Conta a história de um jovem cameleiro, Hafid, que teve o desejo de tornar-se vendedor, a fim de ganhar sua parte do ouro que, como notava, era o fruto dos esforços dos outros vendedores da caravana. Finalmente, de-

pois de muitas derrotas, Hafid recebe um manto, dado pelo senhor da caravana, e é despachado a uma aldeia próxima, chamada Belém, a fim de provar que sabe vender. Em vez disso, o rapaz, depois de não conseguir vender o manto por três dias cheios de humilhação, o dá de presente para aquecer uma criancinha recém-nascida, que dorme numa manjedoura dentro de uma caverna. Depois volta à caravana, acreditando ter fracassado como vendedor, sem observar a estrela brilhante que o acompanhava. Mas o senhor da caravana interpreta a estrela como o signo que havia sido profetizado muitos anos antes, e dá a nosso jovem dez pergaminhos de êxito, que o rapaz, com o tempo, aplica à vida, tornando-se... O Maior Vendedor do Mundo.

- É uma trama muito comovente, senhor Og.

- Há mais, Simon. Quando o jovem Hafid se torna rico e poderoso, instala o armazém principal em certa cidade. Você é capaz de adivinhar qual seja tal cidade?

- Damasco?

- Sim. E, com o tempo, abre outros armazéns e filiais por todo o Oriente Médio. Quantos, Simon?

- Dez?

- Sim, acertou de novo. E as mercadorias que ele vendia, como descrevi em meu livro, eram as mesmas que você vendeu!

Lentamente, o velho voltou a cabeça, afastando o olhar e falando muito devagar.

- Estas... são... coincidências... muitíssimo... estranhas... senhor Og. Eu prossegui.

- Fale-me sobre sua família, Simon.

Antes de falar, hesitou alguns minutos.

- Bem, como mencionei, meu lar era em Frankfurt.

Na verdade, morávamos num subúrbio, Sachsenhausen, em propriedade encantadora, à vista do rio Reno. Mesmo assim, o tempo que passei por lá foi limitado. Parecia-me estar sempre a me despedir de minha família no aeroporto.

Cada vez mais passei a odiar os dias e semanas em que me achava distante de minha esposa e filho. Finalmente, em 1935, resolvi tomar providências a esse respeito. Elaborei planos muito cuidadosos para o futuro; resolvi trabalhar com afinco até 1940, obtendo dos negócios os bens suficientes para minha família e eu vivermos confortavelmente pelo resto da vida. Depois transferiria os interesses de dono da companhia para aqueles que estivessem empregados nela, trabalhando para mim, e que tinham sido leais por tanto tempo...

Voltei a interrompê-lo... e dessa feita minha voz faltou.

- Simon, quando ler o livro, ficará sabendo que meu grande vendedor, Hafid, finalmente deu seus negócios e a maior parte da fortuna àqueles que o haviam ajudado a formá-los.

O velho fechava a cara, sacudia a cabeça para mim.

- Não pode ser! Não pode ser!

- Você lerá com seus próprios olhos. E que me diz de sua família?

- A essa altura, Hitler subira ao poder. Mesmo assim, eu, como a maioria dos comerciantes, não fazia idéia do monstro que havíamos cegamente deixado apoderar-se do controle de nosso país. Minha esposa era judia e, enquanto eu me achava em uma das muitas viagens a Damasco, fui visitado, certo dia, por um dos agentes de Hitler. Ele me informou calmamente que tanto minha mulher quanto o filho estavam no que ele chamou de custódia protetora, e que só seriam entregues a mim mediante a transferência, para o Partido Nacional Socialista, de toda a minha companhia e respectivos bens. Assinei, sem qualquer hesitação. Depois voltei imediatamente a Frankfurt, de avião, e fui preso pela polícia secreta, no portão do aeroporto. Passei todos os anos da guerra sendo levado de caminhão de um campo de concentração para outro. O fato de não ser judeu, ao que suponho, salvou minha vida.

- E sua esposa e filho?

- Nunca mais voltei a vê-los.

Comecei a dizer “sinto muito” -, mas não o fiz.

- E seus negócios?

- Desapareceram. Tudo confiscado pelos nazistas. Após a guerra, passei quase quatro anos tentando descobrir qualquer pista referente a minha família. Tanto os americanos quanto os ingleses prestaram-me a maior cooperação e solidariedade. Finalmente fiquei sabendo, por meio do serviço de informações americano, que minha mulher e meu filho haviam sido levados à morte na câmara de gás em Dachau, quase após terem sido aprisionados.

Era duro continuar. Eu me sentia como um inquisidor cruel, obrigando o velho a recordar coisas que, provavelmente, havia posto de lado, desde muito, a fim de manter a lucidez. Mesmo assim, prossegui:

- Como foi que você veio para este país?

- Em meus dias de riqueza, tinha feito muitos amigos bons, em Washington. Um deles intercedeu junto às autoridades de imigração, que dispensaram minha falta de passaporte. Outro me emprestou dinheiro para a passagem.

Eu tinha visitado Chicago em 1931 e havia gostado de sua vitalidade, de modo que vim para cá.

- E o que andou fazendo por todos esses anos?

Ele deu de ombros e fitou o teto.

- O que pode fazer um ex-presidente de companhia milionário, cujas ambições morreram, todas, todas, em uma câmara de gás? Eu trabalhei em mais de cem empregos diferentes, apenas para sobreviver... porteiro de clube noturno, cozinheiro, gari, ajudante de construção... qualquer coisa. Sabia que tinha todo o conhecimento, experiência e capacidade necessários para iniciar um negócio novo, por minha conta, mas não agüentava mais aquilo. Não existia motivo para vencer, adquirir fortuna, de modo que não fiz o esforço. Finalmente passei pelos exames urbanos e me tornei porteiro de escola, na Avenida Foster. Isso foi muito bom para mim, pois estava em volta de crianças alegres por todo o dia. Ótimo, mesmo. E de vez em quando eu via um garoto que me fa-

zia pensar em meu Eric. Era um emprego bom e decente. Aposentei-me com sessenta e cinco anos de idade e a cidade começou a me pagar uma pensão pequena, o bastante para viver... e ler.

- O que o levou a tornar-se o que você chama de “apanhador de papéis”?

Simon sorriu, ajeitou-se na cadeira e voltou a fitar o teto, como a procurar lembrar-se dos detalhes de um acontecimento que, desde muito, estivera dormitando comodamente em meio às recordações.

- Mudei-me para este pequeno apartamento logo após a aposentadoria, Lazarus, eu, meus livros. Todas as manhãs tornou-se um ritual para Lazarus e eu dar uma volta completa em torno deste quarteirão. Certa manhã, quando eu saía do edifício olhei para o portão do parque de estacionamento, onde o encontrei pela primeira vez, e lá estava uma jovem que parecia achar-se em alguma dificuldade, o automóvel se achava parado diante da entrada do portão que baixara, e ela batia com força e raiva na caixa de metal que aceita as moedas, ativando o portão. Fui até lá e perguntei se podia ajudá-la. Ela chorava, e entre soluços me contou que pusera as duas últimas moedas na caixa e o portão não se levantara. Além disso, devia ir a uma aula em Loyola, em menos de dez minutos, para um exame final. Eu fiz o que qualquer outra pessoa teria feito. Tirei duas moedas do bolso, coloquei-as na caixa e, dessa feita, o portão subiu. Depois continuei meu passeio com Lazarus.

A essa altura o velho andava de um para outro lado, naquele aposento pequeno.

- Não tínhamos ido muito longe quando ouvi passadas apressadas e me voltei para ver a jovem, encantadora, que continuava vindo em minha direção, ainda de lágrimas nos olhos, porém sorrindo. Antes que eu percebesse o que ela fazia, estendeu os braços, abraçou-me, puxou-me até ela e me beijou na face... a primeira vez que uma mulher me abraçava, desde minha esposa. A jovem não disse coisa alguma... foi apenas o abraço e o beijo... e depois saiu correndo. Esse incidente sem importância foi o que deu novo significado e direção à minha vida, senhor Og. Resolvi parar de me esconder em meu pequeno apartamento, parar de sentir pena do que a vida me dera, e começar a dar um pouco de mim mesmo aos outros, depois de todos aqueles anos de auto-comiseração.

Na verdade, como percebe, foi uma decisão egoísta, porque a sensação que passou por mim, quando aquela jovem reconhecida me beijou, foi uma sensação que eu não conhecera por muitos anos. Era a sensação que só vem quando alguém ajudou a outrem sem qualquer idéia de ganho pessoal. Desde então, tenho sido apanhador de papéis.

Eu me sentia esgotado. As perguntas e respostas haviam-me esgotado. Ainda assim, restava uma coisa que tinha de saber.

- Simon, você disse que o nome de seu filho era Eric. Qual o nome de sua esposa?

- Senhor Og, minha esposa tinha o nome tão encantador quanto a alma... Lisha.

Tudo que pude fazer foi suspirar e cochichar:

- Simon, por favor, passe-me o meu livro.

O velho cavalheiro colocou o livro em meu colo. Eu o folhiei apressadamente, parando à página quatorze.

- Simon, veja! Aqui... onde estou apontando, no meio da página, está o nome que dei à esposa de Hafid, o maior vendedor do mundo. Leia o nome!

Um meio soluço, meio grito de angústia, escapou-se dos lábios do velho, ao focalizar os olhos na página impressa. Depois fitou-me, incrédulo, as lágrimas avolumando-se naqueles olhos inesquecíveis.

- Não pode ser, não pode ser!

Apanhou o livro com as mãos gigantescas, fitando a página com toda a atenção. Finalmente ergueu a face, acariciou com suavidade a barba e murmurou baixinho, sem parar:

- Lisha... Lisha... Lisha.



Quatro

Decorreu um mês até voltar a vê-lo. Já passara muito da hora de fechar e eu me achava sozinho no gabinete, tentando lutar com a correspondência que se acumulara durante minha ausência. Ouvi o estalido na porta do gabinete externo e preparei-me para a chegada de alguém. O último da turma que saíra deixara de fechar aquela porta e os assaltos se tornavam um modo de viver, naquela vizinhança.

Foi quando Lazarus apareceu à porta de meu gabinete, em festival de movimentos livres, cauda sacudindo, orelhas erguendo-se e caindo, os olhos comoventes, a língua brilhando... puxando a corda que o prendia ao dono.

O velho me abraçou.

- Senhor Og, que bom voltar a vê-lo. Lazarus e eu estávamos, os dois, preocupados por sua causa.

- Estive fora, cuidando dos livros, Simon. Acho que alguém está tentando mudar minha vida.

- Para melhor?

- Não tenho certeza. Talvez você possa dizer-me.

- Eu soube que o senhor não estava aqui, senhor Og.

Todos os dias olhava por minha janela, procurando seu automóvel marrom. Não via o automóvel, não via o senhor Og. E então, hoje de manhã, lá estava ele. Fiquei muito satisfeito. Queria vê-lo, mas ao mesmo tempo não queria incomodá-lo. Precisei de todo o dia para juntar coragem e vir aqui.

- Folgo muito que tenha vindo. Eu teria ido ver você, de qualquer modo, para contar-lhe as notícias sobre o livro.

- Boas novas?

- Ainda não tenho certeza de que isso esteja acontecendo a mim.

O velho assentiu e bateu em meu ombro, cheio de orgulho. Depois levou Lazarus ao cabide para casacos e lá o atou, com nó frouxo. O cachorro enfiou o focinho no tapete espesso e fechou os olhos.

- Você está com excelente aspecto, Simon. Nunca o vi, antes, com terno e gravata.

O visitante, tímido, esfregou os dedos compridos na lapela enrugada do paletó e deu de ombros.

- Eu não podia visitar o presidente da companhia parecendo um vagabundo, não acha?

- E por que não? Calculo que vocês, apanhadores de papéis, trabalhem em todos os tipos de disfarce, e provavelmente já se infiltraram em mais lugares do que a CIA. Anjos sem pasta.

O início de um sorriso, em seu rosto, evaporou-se de repente quando eu disse “anjos” Depois ele se controlou e obrigou-se a sorrir.

- Só um escritor usaria descrição tão pungente. Ainda assim, nós, apanhadores de papéis, somos gente sobrecarregada. Existe também uma explosão demográfica nos montes de lixo da humanidade, e não somos o bastante para executar o trabalho. Será que seu editor da revista, W. Clement Stone, é apanhador de papéis?

Ambos nos voltamos para a fotografia de meu chefe, que nos fitava calidamente, na parede de lambris, do lado direito de minha escrivaninha.

- Deve ser, Simon. Apanhou-me do monte de lixo, há dezesseis anos, quando eu estava sem dinheiro, sozinho e mergulhando com frequência na garrafa. É engraçado, mas vocês, apanhadores de papéis, também parecem ter uma política de sigilo sobre os seus bons feitos. Por me achar muito próximo dele, descobri muita coisa acerca de algumas das pessoas a quem o Sr. Stone ajudou, e mesmo assim pouquíssimas de suas atividades como Bom Samaritano chegam às linhas dos jornais.

Simon assentiu.

- Isso é porque nós, apanhadores de papéis, procuramos seguir o mandamento bíblico que Lloyd Douglas tornou popular em seu livro, *Obsessão Magnífica*.

- Você quer dizer, fazer o bem... e ficar calado.

Sua gargalhada preencheu meu gabinete.

- É o que quero dizer, embora nunca tenha ouvido a coisa nessas palavras. Acho que prefiro, ainda, o preceito inicial de Jesus, como Mateus o escreveu.

- Simon, você sabia que, quando o livro *Obsessão Magnífica* foi publicado, as vendas de bíblias subiram como foguetes em todo o mundo?

- Por que ocorreu isso, senhor Og?

- Porque todos começaram a procurar o trecho bíblico que formava o tema do livro, e Douglas, com golpe de gênio, nunca o determinou com precisão, na obra. Procurar essa passagem tornou-se, quase, o passatempo mais divertido neste país, por um ano ou mais, e levou *Obsessão Magnífica* a tornar-se *best-seller*. E os que encontraram o que procuravam guardaram o evangelho, capítulo e versículo para si, como se fosse um segredo privilegiado, do qual só se podia participar mediante a descoberta própria.

- Podíamos usar esse tipo de brinquedo em nossos dias, senhor Og?

- Sim, podíamos. Você conhece a passagem, Simon?

O velho sorriu, empertigou o corpo, olhou-me bem de frente e levou a mão direita à boca, de modo que apenas o indicador apontasse para mim... e começou a fazer com que eu estremecesse.

“Acautela-te para que não dês esmolas na presença dos homens, para seres visto por eles; de outra forma, não terás a recompensa de teu Pai que está no céu.”

“Assim sendo, quando deres esmolas, não faças soar uma trombeta diante de ti, como os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para que sejam glorificados pelos homens. Na verdade eu te digo, eles têm a recompensa deles.”

“Mas, quando deres esmolas, não deixes tua mão esquerda saber o que tua mão direita faz; que tuas esmolas sejam em segredo; e teu Pai, que vê no segredo, Ele próprio te recompensará abertamente.”

Tenho a certeza de que isso nunca foi dito melhor... a não ser sobre aquela montanha... há dois mil anos.

Servi a meu amigo uma xícara de café horrórico e conversamos sem maiores conseqüências enquanto ele caminhava, a xícara na mão, por meu escritório, em passos vagarosos. Estacou diante da parede coberta de fotografias autografadas e leu em voz alta os nomes, a voz a se erguer gradualmente a cada nome que lia, como a demonstrar que estava impressionado. Aquela velha raposa brincava comigo, e eu adorava o brinquedo.

- Rudy Vallee, Art Linkletter, John F, Kennedy, Charles Perci, Harland Sanders, Joey Bishop, Senador Harold Hughes, Frank Gifford, James Stewart, Robert Cummings, Robert Redford, Barbra Streisand, Bem Hogan, Norman Vincent Peale... todos esses são seus amigos?

- Alguns, sim... e outros acharam que deveriam demonstrar gratidão por um artigo que fizemos sobre eles, nesta ou naquela ocasião.

- Eu gosto de James Stewart. Todos os filmes que fez... eram bons. O senhor o conhece?

- Eu o conheci faz muitos anos. Fui bombardeiro em seu grupo de B-24, na Segunda Guerra Mundial.

- Ele era corajoso?

- Muito. Completou seu tempo de combate muito antes de haver qualquer escolta de caças para proteger nossos bombardeiros. E sabia beber mais do que todos nós.

- Ótimo. Ótimo.

Simon continuou com seu inventário calmo de meu gabinete, provavelmente comparando-o às suas instalações presidenciais em Damasco, de muito tempo antes. Um leve odor de cânfora se evolava do terno que ele usava, de feitio severo, e mesmo assim ele o envergava com dignidade e estilo, não sendo difícil imaginá-lo por trás de uma grande escrivaninha de mogno, dando conselhos quando necessários e repreendendo alguém, quando esse alguém o merecia.

Finalmente baixou a xícara de café e disse:

- Não posso esperar mais. Conte-me as boas novas, senhor Og?

- Você me trouxe sorte, Simon, tenho certeza. Deve haver muita coisa de espírito da natureza por baixo dessa fachada de apanhador de papéis. Lembra-se da última noite em sua casa, quando descobrimos todas aquelas coincidências notáveis entre o herói do livro e você?

- E como poderia esquecer?

- Bem, quando cheguei a casa, havia um recado para chamar meu editor, Frederick Fell. Ele me disse que uma grande editora queria encontrar-se com ele, seu vice-presidente Charles Nurnberg e comigo na segunda-feira, a fim de examinarmos a possível compra dos direitos de reimpressão do livro. Assim sendo, naquela noite de sábado eu estava a caminho de Nova York.

- E sentia-se nervoso, preocupado?

- Não muito... pelo menos aquela noite. Mas na manhã seguinte, em Nova York, acordei às seis e fumei muito, tomei uma tonelada de café, esperando nosso encontro à uma da tarde. Mesmo assim, cheguei ao edifício do editor, na Quinta Avenida, uma hora antes. Desse modo... fiz algo que não fazia por muito, muito tempo. Bem ao lado havia uma igreja. Nem me lembro o nome dela, mas estava aberta e entrei.

- E o que fez?

- Orei. Andei até o altar, ajoelhei-me e orei. Como orou?

- Do único modo que sei. Não pedi nenhum bem material, mas apenas que Deus me desse a orientação e coragem para enfrentar o que aparecesse. Engraçado, Simon, mas quase deu para ouvir uma voz perguntando: “Por onde andou, Og?” E depois, antes que eu soubesse o que acontecia, vi que estava chorando... e não conseguia parar. Por sorte não havia ninguém por perto, mas eu me senti como um imbecil, seja lá como for.

- Por que chorava? Sabe o motivo?

- Acho que estar naquela igreja lembrou-me de todos os domingos em que eu fui à missa com minha mãe, quando era jovem. Meu mundo quase parou quando ela morreu de ataque cardíaco, logo após eu me di-

plomar no ginásio. Ela era algo especial, e me convencera de que eu ia ser um escritor, até mesmo quando estava na escola primária.

Ainda me lembro de como examinava minhas composições, ou os outros trabalhos escritos que trazia para casa, e tínhamos um relacionamento tão bom que ela criticava meu trabalho, construtivamente, e eu sempre a ouvia e decidia esforçar-me mais. Ela ficou muitíssimo orgulhosa quando eu me tornei redator de notícias em nosso jornal do ginásio, como se o *New York Times* houvesse acabado de me chamar. Queria que eu freqüentasse a faculdade, mas estávamos passando momentos difíceis, conseguindo apenas sobreviver, em 1940. Depois morreu... e eu entrei para a Força Aérea do Exército.

- Nunca freqüentou a faculdade, senhor Og?

- Não.

O velho voltou a relancear os olhos por meu gabinete e sacudiu a cabeça.

- Notável. E o que mais aconteceu naquela igreja?

- Nada. Finalmente controlei-me e, a essa altura, era quase hora de nosso encontro, de modo que saí da igreja, atravessei a rua e entrei na portaria do editor. Quando saí do elevador, no vigésimo sexto andar, vi que caminhava por aquele corredor comprido, ladeado de cartazes gigantescos de alguns dos escritores mais famosos do mundo, publicados por aquela firma. Tudo em que pensei foi: “Mamãe, conseguimos. Estamos aqui, junto dos melhores!”

- E seu encontro com os diretores dessa casa editora?

- Foi uma coisa sensacional. Mesa grande, sala grande, muitos nomes, muitos rostos. Conforme fomos informados mais tarde, eles já haviam resolvido comprar os direitos do livro. O que queriam saber era se eu podia ser promovido juntamente com o livro.

- Balzac, Dickens, Tolstoi... esses não teriam passado por tal prova.

- Talvez tenha razão. De qualquer modo, falei com eles por cerca de dez minutos, contei-lhes como o livro foi escrito e acho que causei a impressão certa.

O velho, agora, revivia cada instante em minha grande apresentação. Inclinando-se à frente, animado, apontava ambas as mãos para mim, fazendo-me gestos para que prosseguisse.

- Finalmente o presidente da mesa olhou para meu editor, Fred Fell, e perguntou o que queríamos pelos direitos do livro. O Sr. Fell, em sua melhor voz de jogador de pôquer, respondeu que queria um dólar por exemplar encadernado que havíamos vendido... e, a essa altura, tínhamos vendido trezentos e cinquenta mil exemplares.

Houve um pouco de gemidos e murmúrios pela mesa, e o presidente disse que não contara ir tão alto assim. Depois pediu desculpas, fez um gesto a um dos vice-presidentes e saíram da sala. Acho que só ficaram lá fora alguns minutos, Simon, mas a mim pareceu que foi todo um ano. Quando voltaram, o presidente foi falar com o senhor Fell, estendeu a mão e os dois se cumprimentaram, fechando o negócio.

- Foi simples assim?

- Sim.

- Eles vão lhe pagar trezentos e cinquenta mil dólares?

- Sim.

- Senhor Og, está rico!

- Não tão rico quanto pensa. O Sr. Fell recebe metade dessa soma, e depois temos ambos que dividi-la com os impostos.

- Mas, senhor Og, já ganhou uma soma considerável de dinheiro em direitos autorais de todas essas vendas de livros encadernados, não?

- Sim.

- Sabia que F. Scoth Fitzgerald, três anos após *O Grande Gatsby* ter sido publicado, recebeu apenas cinco dólares e quinze centimos em direitos autorais, e à altura em que morreu esse livro maravilhoso já estava esgotado?

- Não, não sabia, Simon. E não me entenda mal. Não sou ingrato. Ainda não acredito que isso tenha acontecido comigo. Talvez fosse a oração na igreja.

- E talvez fossem as orações de sua mãe, meu amigo.

E depois, por onde andou, por todo o resto do mês?

- Bem, como o livro sem encadernação não vai sair senão na próxima primavera, Fell resolveu promover o livro encadernado, e promover com energia, por todo este verão e outono, de modo que concordei em fazer uma promoção pelo rádio, televisão e jornais durante três semanas. Estive em quatorze cidades, fui entrevistado mais de noventa vezes... e começo a gostar... até das sessões de autógrafos nas livrarias.

- Sinto-me muito satisfeito e feliz pelo senhor, senhor Og.

Permanecemos sentados algum tempo, dois camaradas que partilhavam a vitória obtida.

Seguiu-se um pouco mais de conversa sem importância, até que, finalmente, juntei coragem para perguntar-lhe:

- Simon, você chegou a ler meu livro?

- Claro que sim. Na mesma noite em que o deixou comigo. É uma beleza. Editores da edição comum vão vender milhões de exemplares. O mundo precisa de seu livro, senhor Og.

Para mim, era o bastante. Todas as outras críticas favoráveis podiam ficar de lado. Simon levantou-se e disse:

- Venha, precisamos comemorar. Um xerez pela sua boa sorte.

Fui com ele.

Depois de estarmos sentados em nossas cadeiras de costume e Simon haver servido as bebidas, retomamos a conversa do gabinete.

- Senhor Og, as semelhanças impressionantes entre a vida do seu grande vendedor e a minha própria levaram-me a passar muitas noites sem dormir. E as probabilidades, após todas as outras coincidências, de que a esposa de Hafid e a minha se chamassem, ambas, Lisha devem estar além da capacidade de cálculo de qualquer computador.

- Tentei arredar isso da mente, Simon. Acho que os peritos de percepção extra-sensorial chamam este tipo de coisa de pré-conhecimento, ou talvez não. Escrevi o livro antes de conhecê-lo, mas você viveu esses

acontecimentos antes que eu escrevesse o livro. Não sei de que haveriam de chamar isso, mas continua a ser bastante assustador pensar no assunto. Você crê que seja tudo uma questão de coincidência, casualidade?

O velho suspirou e sacudiu a cabeça.

- Coleridge escreveu que a casualidade não passa de pseudônimo de Deus para esses casos especiais em que Ele não quer surgir abertamente com sua própria assinatura.

- Gostei dessa. E se for um dos segredos de Deus, não podemos fazer grande coisa... por isso, não vou permanecer no assunto. Nem mesmo o examinei com qualquer outra pessoa. Quem iria acreditar em mim?

- É uma sorte termos um ao outro, senhor Og.

Bebericamos nosso xerez numa tranqüilidade pacífica que só pode ser sentida por duas pessoas que realmente se encontram relacionadas uma com a outra, uma tranqüilidade que nenhum dos dois achou necessário perturbar com palavras, apenas para reforçar a amizade. Eu não sabia em que Simon pensava, mas procurava juntar coragem suficiente para oferecer-lhe uma sugestão, sugestão essa que me ocorrera enquanto vinha de avião, regressando de meu encontro em Nova York com aqueles que iam editar o livro em forma comum.

Uma coisa eu ficara sabendo, em Nova York: que a escrita inspirada e a boa ajuda a si próprio se encontravam em grande procura. Quer fosse a situação do país, ou apenas outro ciclo editorial, o fato é que todas as editoras, ao que parecia, se achavam à procura de outro livro do tipo *Acorda e Vive* ou *O Poder do Pensamento Positivo* ou *Como Conquistar Amigos e Influenciar as Pessoas*. Sempre que nosso país decaia um pouco, parece que os livros de auto-ajuda sobem ao máximo nos gráficos de venda, e a maioria dos editores, procurando antecipar seu futuro, parecia estar calculando que o país marchava para outra “baixa”. Achei que Simon seria a indicação natural e dei o salto no escuro.

- Simon, você calcula ter ajudado a transformar as vidas de quantas pessoas, em sua tarefa como apanhador de papéis?

Não houve hesitação alguma.

- Nos últimos treze anos... cem.

- Exatamente cem?

- Sim.

- Como sabe? Você fez um diário de algum tipo?

- Não. Quando iniciei esta aventura, minhas intenções eram boas, porém meus métodos de procurar ajudar eram os de tentar e errar... na maior parte, errar. Receio ter causado mais mal do que bem naqueles primeiros casos que descobri, pois eu os trouxe, em parte, para fora de sua morte viva e depois, por ignorância, deixei que recaíssem. A questão é que eu tentava lidar com cada um de modo diferente, de acordo com a personalidade individual em pauta. Só gradualmente é que vim a compreender que embora sejamos todos diferentes, cada qual singular a seu modo, nossa falta de amor-próprio que produz o fracasso constitui doença universal, sempre originada ou do complexo de aflição ou de culpa ou de inferioridade... os três problemas emocionais comuns, reconhecidos pela maioria dos estudantes de psiquiatria. Não tendo grandes conhecimentos nesse setor, tive de aprender pelo processo difícil... nas sarjetas, montes de lixo e, depois, nos meus livros.

- E quando descobriu esse denominador comum, você fez algo para padronizar seu sistema de ajuda?

- Sim. O homem tem procurado solucionar o desafio de seu amor-próprio enganador desde que passou a caminhar sobre as pernas, e os sábios estiveram escrevendo sobre a doença e sua cura por milhares de anos... cada qual dando soluções semelhantes que, está claro, continuamos a ignorar. Quando esta verdade se tornou clara a meus olhos, passei diversos meses nesse apartamento, com meus livros, extraindo e destilando os segredos verdadeiros do êxito e da felicidade, pondo-os em palavras que fossem tão simples quanto as verdades por elas proclamadas... tão simples que a maioria das pessoas procurando as respostas para seus problemas dificilmente as reconheceria, e muito menos pagaria o preço para seguir regras tão destituídas de exotismo, para alcançar uma vida feliz e dotada de sentido.

- Quantas regras existem?

- Apenas quatro... e após muitos meses de trabalho e uma montanha de anotações, as poucas páginas que continham a essência dos segredos mais simples do êxito pareciam, na verdade, indignas de toda a pesquisa que eu havia efetuado. Depois voltei a lembrar-me de que são necessárias muitas toneladas de minério para produzir uma só onça de ouro. Em seguida, levei minhas descobertas para o mundo lá fora e as utilizei a meu modo... e nunca falharam!

- Você tem esse material escrito, agora.

- Quando completei meu trabalho, escrevendo a mão, levei-o para um pequeno estabelecimento gráfico na Broadway. Eles datilografaram, no formato que solicitei, e utilizei essa matriz para reproduzir cem cópias. Depois numerei cada exemplar, de um a cem.

- E como distribuiu o material? Você não foi entregando aquilo a cada alma abatida que encontrava, não?

- Oh, não. O homem, em geral, não se atira ao monte de lixo senão depois de ter percebido que ninguém mais neste mundo se importa com ele. Quando descubro alguém que precisa de ajuda, procuro antes convencê-lo de que ainda existem aqueles que se importam... Deus... e eu. Um no céu... e um na terra.

- E depois?

- Depois de tê-los convencido de que realmente nos importamos e desejamos ajudar, depois de saber que estão com confiança em mim, digo-lhes que vou entregar-lhes um documento muito especial, que contém uma mensagem de Deus. Digo-lhes que tudo que quero deles são vinte minutos de seu tempo, todos os dias, a fim de lerem a mensagem que Deus lhes enviou... pouco antes de dormirem. E isso deve continuar por cem noites consecutivas. Em troca desses poucos minutos diários, preço pequeno a ser pago, ainda mais por pessoas para as quais o tempo já não tem grande valor, elas aprenderão a sair do monte de lixo e executar o maior milagre do mundo. Elas ressuscitarão das mortes vivas, literalmente falando, e com o tempo alcançarão todas as verdadeiras riquezas da vida, com as quais sonharam. Em outras palavras, a mensagem de Deus, absorvida a cada dia por sua mente subconsciente e profunda que nunca adormece, vem capacitá-las a se tornarem os seus

próprios apanhadores de papéis. Auto-ajuda, na melhor expressão possível!

- Uma mensagem de Deus. Isso não as apavora?

Ainda mais porque você tem o aspecto e a voz do que a maioria imagina ser Deus. Sua barba, sua pessoa, seus modos, sua altura, sua voz....

- Senhor Og, está esquecendo um fato. Eu tiro essa gente de seus próprios infernos vivos. Eles já abandonaram esta vida, mentalmente. Têm a certeza de que nada podem fazer para se ajudarem, de modo que estão prontas a se agarrar a qualquer mão estendida para ajudá-las. É a mão da esperança.

- Esperança?

- Sim. Conhece aquele relato sobre o famoso fabricante de perfumes que, no banquete de sua aposentadoria, teve de explicar seu segredo de êxito? Fez lembrar aos ouvintes que o êxito não viera por causa das fragrâncias refinadas ou dos métodos de embalagem e venda que usara de modo tão brilhante. Ele obtivera êxito porque fora o único fabricante de perfumes a compreender que aquilo por ele vendido às mulheres não eram odores exóticos, encanto ou magnetismo sexual... o que ele lhes vendia era... esperança!

- Essa é formidável. Pois bem, voltando a essa mensagem de Deus...

- Na verdade, senhor Og? Quando lhes entrego o documento, eles percebem que não se trata apenas de uma mensagem... é um memorando de Deus. Mandeí datilografar o documento e imprimi-lo no formato de um memorando comum de escritório.

Comecei a rir.

- Um memorando de Deus? Simon...!!!

- Por que não? Faz muito tempo que Deus se comunicou conosco, entalhando dez mandamentos em duas tábuas que entregou a Moisés, no Monte Sinai. Mais tarde, escreveu uma advertência na parede do palácio do Rei Belshazzar. Como iria Ele comunicar-se conosco, em nossos

dias, se resolvesse fazê-lo por escrito? Qual é a forma mais moderna de comunicação escrita?

- Memorandos?

- Exatamente. Eles são concisos, têm forma universal, mostram-se práticos e podem ser encontrados em quase todos os países do mundo. Nossa nação vive de memorandos... ou, talvez, a despeito deles. Quantos trabalhadores iniciam cada dia com instruções recebidas na forma de memorandos, enviados por seus chefes... memorandos pregados nos quadros de boletins... presos às prensas... ao final das linhas de montagem... por todas as forças armadas... e passando de uma escrivadinha a outra, em milhões de escritórios? Um memorando é a coisa mais relacionada com esta geração... e, dessa maneira, o que poderia ser mais eficaz, neste mundo apressado, para aqueles que precisam de ajuda, do que quatro segredos de felicidade e êxito, inscritos em breve memorando de Deus?

Sua revelação me abalara a tal ponto que eu quase esquecera o motivo pelo qual trouxera todo aquele assunto à baila. Quase para mim mesmo, murmurei:

- Um memorando de Deus?

Simon ouviu e apontou na direção de suas pilhas de livros.

- E por que não? O senhor me ouviu explanando, bom número de vezes, minhas teorias de que Deus se envolveu na escrita de tantos livros. Eu simplesmente lhes destinei a essência, eliminei os intermediários e escrevi uma mensagem diretamente de Deus.

- Meu caro amigo, com certeza não sou perito sobre tais questões, mas não iriam muitas pessoas chamar esse tipo de coisa de blasfêmia!

O velho sacudiu a cabeça, naquele modo superior das pessoas que lidam com uma criança para a qual, do modo mais evidente, surgem grandes dificuldades na tentativa de compreender o que parece ser tão simples ao adulto.

- Por que chamar de blasfêmia? A blasfêmia tem a ver com tratar as questões de Deus de um modo zombeteiro ou profano. O que fiz foi consumado com amor e respeito, sem qualquer pensamento de ganho pessoal. E... funciona!

- Como funciona, Simon? Você não está me dizendo que basta a alguém ler um memorando de vinte minutos, mandado por Deus ou qualquer outra pessoa, para melhorar a sua vida! A leitura de alguma coisa pode ter tanta influência sobre alguém... para o bem ou para o mal? Lembro-me de ter lido recentemente o relatório de uma comissão sobre o crime, onde um dos membros havia afirmado que não existia qualquer relação direta e identificável entre a pornografia e o crime e, até onde dava para ver, ninguém engravidara ou enfermara por ler um livro sujo.

- Senhor Og, a pessoa que fez essa observação deve ser uma criatura muito estúpida e fora deste mundo.

Lembre-se do que lhe falei sobre os pensamentos do homem e como afetam os seus atos e a sua vida. Concordo em que a leitura de qualquer mensagem de vinte minutos, por si só, uma vez, cause pouco efeito. Mas ler essa mesma mensagem todas as noites, antes de dormir, faz abrir muitas passagens ocultas em nossa mente... e por toda a noite essas idéias se infiltram em todos os níveis de nosso ser. No dia seguinte, ao despertarmos, começamos inconscientemente a reagir, de início de modo quase imperceptível, à mensagem que imprimimos em nosso cérebro na noite anterior.

Devagar, dia após dia, mudamos... à medida que a mensagem se transforma de palavras e idéias em atos e ações de nossa parte. Não pode falhar, desde que a leiamos e imprimamos, todas as noites.

- Mas, Simon, nós tivemos os Dez Mandamentos por diversos milhares de anos, e olhe só em que confusão este mundo se encontra.

- Senhor Og, não incrimine os Mandamentos.

Quantos os lêem? Quantos os conhecem? O senhor, por exemplo, sabe recitar todos os dez?

Sacudi a cabeça e, a essa altura, havia quase abandonado minha idéia inicial, que desencadeara aquela conversa. Mesmo assim, procurava uma abertura.

- Simon, você mencionou que ajudou cem pessoas.

Disse também que, quando imprimiu *O Memorando de Deus*, encomendou cem exemplares e os numerou. Isso quer dizer que, agora, você não tem mais exemplar algum?

- Sim, a não ser a matriz, da qual os outros foram reproduzidos.

- Você vai mandar imprimir outros?

- Senhor Og, estou velho e meus dias nesta terra estão contados; como lhe disse, os apanhadores de papéis acham-se sobrecarregados. É hora de fazer o esforço supremo para multiplicar-se, de modo que meu trabalho continue quando eu já não estiver aqui.

- Como, Simon?

- Gostaria de fazer-lhe uma proposta. Gostaria de providenciar para que a matriz d'*O Memorando de Deus* cumprisse o que deve ser seu destino...

- Como?

- Ao final de seu livro, o senhor fez o maior vendedor do mundo, que era, então, um homem velho como eu sou, passar seus dez pergaminhos de êxito a uma pessoa muito especial. Não seria justo se, ao final de todas as outras coincidências misteriosas entre mim e o herói de seu livro, tivéssemos mais uma... a coincidência suprema?

- Sinto muito... não o entendo, Simon.

- Se estiver pronto, se aceitar... gostaria de passar a matriz d'*O Memorando de Deus* a uma pessoa muito especial... o senhor! Se lhe agradecer, se se convencer de que ele pode ajudar outros, como lhe afirmo que pode, terá minha permissão para incluí-lo em um de seus livros futuros, se assim o desejar, e depois sairá para o mundo, levando benefícios a milhares... talvez milhões de pessoas, com a sua concordância. Que melhor meio poderia um velho apanhador de papéis encontrar para multiplicar-se do que este?

Estaria lendo meus pensamentos? Ou seria apenas mais uma coincidência impossível, a de que ele viesse oferecer seus escritos a mim naquele dia, entre tantos dias, quando eu estivera pensando em perguntar sobre o que ele escrevera?

- Não sei o que dizer, Simon. Sinto-me honrado por você ter pensado em fazer de mim seu instrumento de transmissão.

- O senhor servirá à perfeição. Mas não tome qualquer decisão apressada sobre o assunto. Pense em minha oferta por muitas noites, durma com ela. Ainda temos tempo. E, naturalmente, se aceitar *O Memorando de Deus*, devo pedir-lhe um pequeno pagamento por meu trabalho, como pediria qualquer escritor dotado de amor-próprio.

- Pagamento? Claro!

- Não, não... não está entendendo. Não falo em dinheiro. Se *O Memorando de Deus* passar ao senhor, será necessário, em primeiro lugar, que me prometa utilizá-lo pessoalmente, conforme instruí, antes de apresentá-lo ao mundo. O senhor é uma criatura maravilhosa e sensível, senhor Og. No entanto, existe uma expressão em seu olhar a me dizer que não encontrou a paz, o contentamento ou a realização, apesar de todo o seu êxito. O mundo o louva, mas o senhor mesmo não se louva. Existe, em seus modos, aquela sensação conhecida, a meus olhos, de desespero tranqüilo. Algo está por acontecer no senhor e, mais cedo ou mais tarde, receio que venha a explodir, a menos que remodele o seu mundo. Se explodir, eles o atirarão ao monte de lixo, e este velho trapeiro não estará por perto para salvá-lo. Tal não deve acontecer. Uma pitada de prevenção ainda vale um quilo de cura. Por isso, quando receber *O Memorando de Deus*, deve concordar em que o empregará antes, a fim de fortalecer-se e guiar-se em sua própria busca da felicidade e paz de espírito. Só então deverá passá-lo aos outros que estejam prontos... àqueles que tenham olhos para ver e ouvidos para ouvir e o desejo de ajudarem a si próprios.

- Está bem, Simon...!

- Senhor Og, o senhor é dotado de grande potencial.

É um talento raro. Não deve ser desperdiçado, e vou providenciar para que não o seja!

- Simon, suas palavras me fazem sentir muito humilde, muito pequeno.

- O senhor está muito longe de ser pequeno, caro amigo. Veja! Veja onde coloquei o seu livro.

Voltei a cabeça e segui a direção da mão aberta, com a qual apontava a pilha mais alta de livros de “mão de Deus” em sua sala.

Lá, em cima da pilha, estava o meu.



Cinco

O Memorando de Deus não voltou a ser examinado durante todo aquele verão e outono, enquanto nossa amizade gradualmente amadurecia, tornando-se um elo de amor. Parar na casa de Simon, ao começo de cada noite, e logo após a hora do lanche também, era o ponto mais alto de minha semana. O alojamento frugal de Simon tornou-se meu oásis de paz e serenidade durante cada dia de trabalho e os fins de semana pareciam tortuosamente infinitos, longe dele. No entanto, por motivos que ainda não compreendo, jamais falei sobre ele, nem mesmo o mencionei à minha família ou a qualquer pessoa na *Success Unlimited*.

Simon tornou-se meu pai adotivo, meu mestre, meu consultor de negócios, meu camarada, meu rabino, meu sacerdote, meu pastor, meu guru... meu oráculo de Delfos.

Eu cancelava convites comerciais e escapava a funções sociais a fim de passar o tempo com ele e comecei literalmente a sentar-me a seus pés, a fim de ouvi-lo prelecionando para aquela turma de um só, eu, sobre qualquer questão.

Exibindo notável alcance de conhecimentos e vivências, ele explanava, por períodos que pareciam demasiadamente curtos, sobre o amor, a política, a religião, a literatura, a psiquiatria, a natureza, e até questões mais exóticas, tais como a percepção extra-sensorial, astrologia e mesmo o exorcismo. De vez em quando eu o incentivava com uma pergunta ou afirmação que era calculada para mantê-lo falando, ou procurava obter sua opinião sobre este ou aquele assunto. A profundidade de seus conhecimentos, o modo especial na filosofia e comportamento do homem jamais deixaram de me espantar.

Certa vez ele se interrompeu, quando mergulhara em condenação violenta da atitude de complacência, falta de orgulho e padrão de mediocridade que, como estava convicto, se tornaram o modo de viver de nosso mundo, a fim de me perguntar se eu compreendia que, dando-lhe ouvidos, estava fazendo um curso de “pré-apanhador de papéis”... exatamente como outras pessoas faziam cursos “pré-médicos” ou “pré-legais”. Depois apressou-se em demonstrar sua aprovação por minha presença, fazendo-me lembrar que aqueles que, com o tempo, se torna-

vam os melhores apanhadores de papéis eram pessoas como ele próprio, que haviam passado muito tempo nos montes de lixo, afastados de seu próprio cemitério, procurando os vivos.

Por cinco meses freqüentei a melhor universidade do país.

Ali, o Professor Simon Potter lecionava.

Eu ouvia... e aprendia... enquanto ele habilidosamente apresentava suas criaturas favoritas, tanto vivas quanto mortas, através de relatos fascinantes e pouco conhecidos, citações que o ajudavam a focar o tema mais urgente de então... que todos tínhamos mais capacidade do que a necessária para transformarmos nossas vidas, melhorando-as... e que Deus jamais nos colocara em um buraco do qual não pudéssemos sair. E se nos havíamos prendido a nós mesmos em uma prisão de fracasso e auto comiseração, éramos os únicos carcereiros... tínhamos a única chave existente, que conduziria à nossa liberdade.

Falava de nosso medo de nos arriscarmos, de nos aventurarmos em empreendimentos e territórios desconhecidos, e de como até aqueles poucos que arriscavam o futuro, a fim de avançarem, ainda achavam necessário lutar constantemente contra o impulso forte de voltar em fuga para seu útero conhecido e anterior de segurança, por mais destituída de atrativos que houvesse sido sua existência anterior. Simon fazia ver que Abraham Maslow, um dos maiores psicólogos da América, havia chamado isso de “complexo de Jonas”, o desejo inato de esconder-se contra a possibilidade de fracasso.

Ele acreditava muito em tomar decisões e, em seguida, queimar as pontes, após atravessá-las, de modo que fosse preciso ir em frente, e contou como Alexandre, o Grande, certa feita enfrentara situação assim. Parece que o grande general estava a ponto de encabeçar seu exército contra um adversário poderoso, cujos homens, em número, superavam de muito os seus. Devido às probabilidades maiores contra eles, os componentes de seu exército tinham demonstrado pouco entusiasmo pela batalha próxima, ao partirem em barcos a vela para o que receavam que seria o fim de suas vidas. Quando Alexandre finalmente desembarcou homens e equipamento na praia inimiga, deu ordem para que todos os navios fossem incendiados. E à medida que seu único meio de retirada afundava devagar, no fogo, por trás deles. Alexandre ergueu-se para fa-

lar com os homens e disse: “Estão vendo vossas naves que sobem na fumaça, as cinzas flutuando no mar? É essa a nossa garantia de que seremos vitoriosos, porque nenhum de nós pode deixar esta terra detestável, a menos que obtenhamos a vitória na batalha. Homens, quando voltarmos para casa, iremos nos navios do inimigo!”

Simon não acreditava que se devesse continuar trabalhando em emprego que nos causasse infelicidade ou sofrimento. Citava Faulkner, a fim de reforçar tal argumentação, tentando imitar o sotaque sulino do grande escritor: “Um dos aspectos mais tristes da vida é que a única coisa que podemos fazer, por oito horas diárias, dia após dia, é trabalhar. Não podemos comer por oito horas diárias, nem beber por oito horas diárias, nem amar por oito horas diárias... tudo que podemos fazer por oito horas é trabalhar. E aí está o motivo pelo qual o homem traz infelicidade e sofrimento para si próprio e para os demais.” Em seguida, a fim de resumir essa preleção, ele repetia sua observação de que o trabalho que torna alguém infeliz deve ser abandonado.

- Não é verdade, senhor Og, que uma pedra que rola não cria limo. Uma pedra que rola pode criar limo, e muito mais do que isso!

Apresentava Mark Twain, a fim de exemplificar sua crença de que a experiência, via de regra, era qualidade superestimada. Eu quase podia visualizar o velho Samuel L. Clemens, em terno branco amarrotado, dizendo: “Devíamos ter cuidado para extrairmos de uma experiência toda a sabedoria que existe nela... não como a gata que vai sentar-se na tampa quente de um fogão. Ela jamais voltará a sentar-se em uma tampa quente de fogão... e isso é bom... da mesma forma, porém, ela jamais voltará a sentar-se em tampa fria de fogão.”

Demonstrava pouca solidariedade por aqueles que atribuíam suas adversidades ou má sorte a uma deficiência, quer física ou ambiental. Fez-me recordar a cegueira de Milton, a surdez de Beethoven, a poliomielite de Roosevelt, a pobreza de Lincoln, o casamento trágico de Tchaikovsky, os primeiros anos assustadores de pobreza de Isaac Hayes, a falta de audição e visão de Helen Keller e até a ascensão de Archie Moore, saindo do gueto. Reviveu, para mim, John Bunyan, escrevendo *A Marcha do Peregrino*, enquanto na prisão, Charles Dickens colando rótulos em vasilhame.

Robert Burns e Ulysses S. Grant travando uma luta infernal com o alcoolismo, e Benjamin Franklin saindo da escola, tendo apenas dez anos de idade.

Depois disso eu flutuei em companhia de Eddie Rickenbacker, a quem perguntaram, depois de ser salvo, qual a maior lição por ele aprendida, enquanto vagava com companheiros, em jangadas, por vinte e um dias, tendo-se perdido no Oceano Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial. Rickenbacker respondera: “A maior lição que aprendi é que, quando se tem toda a água potável que se deseja, e toda a comida que dá vontade de comer, nunca se deve fazer queixa sobre coisa alguma.”

Simon queria dizer que pessoa alguma jamais possuiu um defeito que não fosse, na verdade, um benefício latente, em vez de adversidade... e certa feita me contou uma fábula curta. Parecia que um belo veado admirava seus próprios chifres e detestava os pés horrendos. Certo dia, porém, chegou um caçador e os pés horrendos do veado permitiram-lhe fugir e escapar. Mais tarde, seus belos chifres emaranharam-se na mata e, antes de poder fugir, foi pego pelo caçador.

Simon olhava-me bem e dizia:

- Senhor Og, quando começar a ter sentimentos de auto-comiseração., lembre-se destes versinhos: “Eu andava triste... sem sapatos e sem fé... até ver que existe... gente que não tem o pé.”

Estava sempre definindo palavras abstratas através de analogias coloridas. Certa feita, quando lhe pedi para descrever o amor, ele disse:

- Alguns anos atrás, na corrida de Indianápolis, um bom corredor chamado Al Unser deslizou e bateu na parede. Ficou caído no carro incendiado apenas alguns segundos, até que outro veículo em disparada deslizasse e parasse ao lado de seu automóvel destruído. E então, enquanto os outros veículos passavam por ali a toda, alguns aproximando-se perigosamente do segundo carro, desembarcou um jovem chamado Gary Bettenhouse, que foi correndo até o carro de Unser e começou a tirá-lo das chamas. O Sr. Bettenhouse esquecera por completo que estava em uma corrida, para a qual gastara uma fortuna e meses inteiros de preparativos.

Aos olhos de Simon, esse gesto era aquilo que demonstrava o amor.

Simon tinha outro favorito, no mundo das corridas de automóveis: Stirling Moss. Depois de citar o axioma de Thoreau, de que os homens nasceram para a vitória e não para o fracasso, o velho fazia bela mímica do sotaque preciso e britânico de Moss, a fim de mostrar que o homem podia alcançar qualquer meta, se estivesse disposto a pagar o preço. Repetia a famosa citação de Moss: “Aprendi que tudo é atingível, se estivermos prontos a desistir, sacrificar, a fim de alcançá-lo. O que quer que queiramos, podemos alcançá-lo, se o quisermos bastante... e acredito nisso.

Acredito que, se eu quisesse percorrer uma milha em quatro minutos, haveria de consegui-lo. Teria de desistir de tudo o mais na vida, mas poderia correr uma milha em quatro minutos. Acredito que, se um homem quisesse caminhar sobre a água e se preparasse para desistir de tudo o mais na vida, poderia fazê-lo.”

E, está claro, Simon sempre dizia que a maioria dos seres humanos desiste demasiadamente cedo.

- Senhor Og, em Sonoma, na Califórnia, existe uma escola de motoristas maravilhosa, para os candidatos a corredores ou qualquer um que queira aprender a bela arte de dirigir. Chama-se Escola Bob Bondurant, ao que creio.

Os instrutores dizem que a maioria dos motoristas nas nossas estradas abandona o automóvel demasiadamente cedo, quando percebe a aproximação de um acidente. Ao se avizinhar a colisão, eles param de tentar salvar, quer o automóvel ou a si mesmos, dirigindo e freando corretamente, quando muita coisa poderia ter sido feita, até o momento do impacto, a fim de aliviar a seriedade da batida. Eles desistem... e pagam pela desistência. O mesmo faz a maioria dos seres humanos... na maior parte de suas atividades diárias.

Erguia-se então, fazia careta para mim, estendia dois dedos para cima, em um V, e apresentava o que, em suas palavras, Winston Churchill afirmara ter sido o maior segredo do êxito já formulado, e tinha apenas cinco palavras.

- Nunca, nunca, nunca, nunca desista!

Embora suas expressões com freqüência apresentassem muitas digressões, sempre voltavam à sua preocupação com relação à crescente falta de amor-próprio no homem, e seu produto costumeiro, uma morte viva. O que mais o contrariava eram as mortes vivas que finalmente se tornavam verdadeiros suicídios, vidas que ele não pudera salvar porque, em suas palavras, não pudera “estar em todas as partes”, e nunca parecia haver número suficiente de apanhadores de papéis para se desincumbirem da tarefa.

- Senhor Og, consulte o relógio. Registre a hora em sua mente e depois lembre-se disto. A esta mesma hora, na noite de amanhã, mais de novecentos e cinqüenta pessoas tentarão matar-se neste país! Pense nisso! E sabe de uma coisa? Mais de cem delas o conseguirão!

Esmurrava o braço da poltrona e continuava:

- Isso não é tudo. Vamos adicionar quarenta novos viciados em heroína, nas próximas vinte e quatro horas.

Trinta e sete morrerão de alcoolismo... e perto de quatro mil pessoas infelizes terão seu primeiro colapso mental a esta hora, amanhã. Depois, pense nos outros modos pelos quais demonstramos o pouco que apreciamos a criação notável que somos. Nas próximas vinte e quatro horas, cerca de seis mil pessoas doentes e confusas serão presas, por estarem bêbadas, promovendo desordem, e mais de cento e cinqüenta demonstrarão o pouco valor que atribuem a suas vidas preciosas, dirigindo com excesso de velocidade, causando assim sua própria morte ou a morte de outros.

Senhor Og, sabe por que essa situação existe, e por que está crescendo em velocidade, aqui e por todo o mundo?

Eu me limitava a sacudir a cabeça em negativa, esperando.

- Porque todos nós sabemos que podemos ser melhores do que somos. Sim, é verdade que a maioria dos seres humanos não pode traduzir essa sensação oculta em palavras, mas houve alguma coisa implantada dentro de cada ser humano, que o distancia por completo do reino animal. E este algo, quase uma segunda consciência, continua a nos fazer lembrar, nos momentos mais inesperados de nossas vidas monótonas, que não estamos correspondendo a nosso potencial. Mostra-se simples-

mente lógico, portanto, que se sabemos que podemos fazer melhor, e não estamos fazendo melhor, se sabemos que podemos ganhar mais bens mundanos, e não os estamos ganhando, se sabemos que podemos ocupar um lugar mais difícil e de melhor salário, e não o ocupamos... nesse caso não pensamos grande coisa sobre esse fracasso ambulante que leva o nosso nome. Pouco a pouco, passamos a odiar essa pessoa. Conhece Maslow, senhor Og?

- Nunca pude compreender muita coisa do que ele escreveu, Simon.

- Maslow não é difícil, se for lido devagar, por quem pensa - duas atividades fora de estilo neste país, eu sei.

Maslow escreveu, certa feita, que as pessoas fazem coisas que são ótimas e boas, e assim respeitam a si mesmas, ou fazem coisas desprezíveis e se sentem condenáveis, sem valor e desmerecedoras de amor. A meu modo de ver, Maslow não foi até onde devia ir. Acredito que a maioria dos seres humanos se sente desprezível, sem valor e sem merecer o amor, ainda que não tendo feito coisas condenáveis. Basta que sejam relaxadas em seu trabalho, ou não se importem com sua aparência, ou não estudem, ou trabalhem um pouco mais a fim de melhorar sua situação na vida, ou tomem aquele gole desnecessário, ou façam um milhar de outras coisas pequenas e estúpidas, que mancham sua imagem já prejudicada de si mesmas - tudo isso serve para aumentar o ódio que sentem por si. A maioria de nós não apenas deseja morrer... também deseja falhar!

As vezes Simon chegava ao ponto de citar um autor que citava outro autor.

Todos nós somos infelizes, senhor Og. Henry Miller sempre foi perseguido pela frase de Tolstoi: “Se você for infeliz,.. e eu sei que você é infeliz.”

- Mas, Simon, a maioria de nós é infeliz somente porque tem problemas. Posso levar você, imediatamente, a um hospital nesta cidade, onde há enfermarias e mais enfermarias com pessoas tremendamente felizes - estão rindo todo o tempo... não precisam mais enfrentar seus problemas... e existem grades em suas janelas.

- Não estou sugerindo um estado impossível e eufórico de felicidade permanente como escudo vitalício contra nossos problemas. Sei que tal é impossível. Os problemas, grandes e pequenos, estarão conosco enquanto vivermos. Norman Vincent Peale disse, certa feita, que a ocasião única em que encontrou pessoas sem problemas foi quando caminhou por um cemitério. Não, a felicidade não é uma panacéia, é um antídoto... algo que nos capacitará a enfrentar nossos problemas e lidar com eles, e continuar mantendo nosso amor-próprio, de modo que não tenhamos de nos desligar da raça humana... e a forma suprema de resignação, naturalmente, é o suicídio.

- Por que cargas-d'água fracassamos em nossa tarefa de enfrentar os problemas, Simon? Por que estamos todos tão infelizes, quando os ingredientes da felicidade se encontram em volta de nós? Será outra maldição, como a do pecado original, só que pior?

- Por que somos infelizes? Vou repetir para o senhor.

Somos infelizes porque não mais temos nosso amor-próprio.

Somos infelizes porque já não acreditamos que somos um milagre especial, uma criação especial de Deus.

Nós nos tornamos gado, números, cartões perfurados, escravos, moradores de gueto. Olhamos em nossos espelhos e já não vemos as qualidades divinas que antes eram tão evidentes. Perdemos a fé em nós mesmos. Evoluímos, realmente, tornando-nos os macacos nus sobre que Desmond Morris escreveu.

- E quando aconteceu tudo isso?

- Não sei com certeza mas, está claro, tenho uma hipótese. Acredito que tenha começado com Copérnico.

- Copérnico? O astrônomo polonês?

- Sim. Na verdade, era médico. Para ele, a astronomia era apenas um passatempo. Mesmo assim, antes de Copérnico o homem realmente acreditava que vivia no centro absoluto do universo de Deus, aqui na Terra, e que todas aquelas luzes minúsculas lá em cima existiam para seu prazer, divertimento e iluminação. Depois Copérnico provou que nosso planeta não era o centro de coisa alguma e que não passávamos de

uma bola minúscula de lama e terra, movendo-se no espaço, presa por um globo imenso de fogo muitas vezes maior que nós. Isso constituiu um solavanco tremendo em nossa vaidade. Recusamo-nos a aceitar, por séculos seguidos, as descobertas desse homem notável. Pagar tal preço, reconhecer que éramos menos do que os filhos diletos de Deus, eis algo terrível demais para aceitarmos. Assim é que adiamos o pagamento. Recusamo-nos a ouvir.

- E depois ... ???

- Quatrocentos anos depois, nosso amor-próprio foi novamente ferido a fundo. A Grã-Bretanha produziu um naturalista brilhante. Darwin, e este nos afirmou que não éramos as criaturas especiais de Deus, mas que tínhamos nossas raízes em um reino animal em evolução. Ele chegou a ponto de esfregar sal em nosso amor-próprio, dizendo-nos que descendíamos do reino animal. Esse homem foi uma pílula das mais amargas que o homem teve de engolir. Em muitos quadrantes, como sabe, ainda não foi engolida.

Apesar disso, constituiu grande incentivo para muitos, eis que surgia a ciência reconhecendo e justificando o comportamento bestial da humanidade. Afinal de contas, se éramos apenas animais, o que se podia esperar de nós? Dessa maneira, nossa própria imagem, nossa auto-estima, nosso amor-próprio escorregaram mais alguns degraus na escada para o sofrimento e o inferno. Darwin nos deu nossos passaportes animais.

E depois de Darwin ... ?

Depois de Darwin? Freud! E mais janelas partidas na casa de nosso amor-próprio. Freud veio contar-nos que éramos incapazes de controlar muitos de nossos atos e pensamentos, tampouco podíamos compreendê-los, já que se haviam originado em vivências da primeira infância envolvendo o amor, o ódio e a repressão, agora sepultados bem fundo em nossa mente subconsciente. Era exatamente do que precisávamos. Tínhamos, agora, permissão de uma das mais brilhantes autoridades médicas do mundo para fazer tudo que desejássemos, a nós mesmos... e aos outros.

Já não precisávamos de uma explicação racional para nossas atividades. Bastava agir... e atribuir as conseqüências a nosso pai ou mãe.

- Simon, quero ter certeza de haver compreendido o que está dizendo. Sua posição é de que o homem, em certa época, talvez por uma comunhão mais próxima com seu Deus, acreditava ser uma criação realmente maravilhosa, um ser superior feito à imagem divina. Depois começou a efetuar descobertas que gradualmente desmereceram a opinião elevada que fazia de si próprio até que, com o tempo, passou a pensar: “Se não somos gente como Deus, se não vivemos no centro do mundo de Deus, se não somos realmente nada mais que animais, e se não podemos controlar e explicar muitos de nossos atos, nesse caso não temos mais importância do que as ervas em nosso jardim.

Se não somos, na verdade, grande coisa, nesse caso como podemos orgulhar-nos de nós mesmos? E se não nos orgulhamos de nós, como podemos gostar de nós mesmos? E se não gostamos de nós mesmos, quem quer viver com esse tipo de gente... e então... vamos livrar-nos de nós mesmos. Vamos dirigir em velocidade excessiva, ou beber demais, ou comer em demasia, ou propositadamente meter os pés pelas mãos, de modo que possamos ser despedidos de nossos empregos, para podermos sentar a um canto e chupar os dedos e dizer a nós mesmos que, afinal de contas, não temos valor algum, e que tudo vá para o diabo. É assim?

- Exatamente.

Chegara, agora, minha vez.

- Deixe-me aduzir o que pode ser mais um prego no caixão do amor-próprio, Simon, quando e se vier a ser comprovada sua teoria. Você conhece o Professor Edward Dewey e sua Fundação Para o Estudo dos Ciclos, da Universidade Pittsburg?

- Sim. Muitos anos atrás, comprei uma grande coleção de números atrasados da revista mensal daquela fundação, intitulada *Cycles*. Tenho-os guardados aqui, em algum lugar. O que me diz dele, senhor Og?

- O Professor Dewey passou mais de quarenta anos da sua vida estudando os ciclos, as flutuações rítmicas que se repetem com regularidade em tudo, desde os terremotos à abundância das colheitas de cereais, e também os preços de mercados, as erupções de manchas solares e centenas de disciplinas diversas.

- Eu sei.

- O Professor Dewey visitou-me, faz três anos, e disse que ficara impressionado com meus trabalhos escritos na *Success Unlimited*. Perguntou-me se eu gostaria de trabalhar com ele, preparando um livro sobre os ciclos, um livro que os leigos pudessem compreender. Fiquei tão honrado com o pedido que passei a trabalhar no mesmo instante. Passei mais de um ano examinando os seus arquivos, anotações e gráficos, e finalmente apresentamos um livro intitulado *Ciclos: As Forças Misteriosas que Guiam os Fatos*.

- Senhor Og, quanto mais o conheço, tanto mais me espanta.

- Isso é mútuo, Simon. De qualquer modo, o Professor Dewey acredita que existe mais um fator a afetar nossas atividades e atitudes. Acha que existe a possibilidade forte de que diversas posições planetárias, ao ocorrerem, exerçam algum tipo de força imensurável que afeta nossos atos em grupos, de modo que, às vezes, somos levados a lutar, às vezes a amar, outras a escrever, pintar, compor... e durante todo o tempo achamos que estamos fazendo essas e outras coisas apenas por motivos racionais. Ele afirma que talvez sejamos, todos nós, fantoches movimentados por cordões, e sugere que devemos conhecer o que puxa esses cordões, lá fora, e depois cortá-los, pois de outra forma jamais conseguiremos alcançar todo o nosso potencial e tampouco recuperar nosso amor-próprio.

- Gostei de seu professor, senhor Og. E agora, se alguém foi criado e educado com essa suposição de que não passa de um grão de areia com pouco ou nenhum controle sobre o destino, e depois se acha exposto cada dia a acontecimentos que o esgotam de sua individualidade, imergindo-o constantemente no lixo negativo que é vomitado pelos jornais, rádio, televisão, cinema e teatro, e adiciona tudo isso à preocupação com sua segurança pessoal, suas economias, o bem-estar de sua família, o seu próprio futuro, aduzindo ainda o medo de que o mundo se esteja tornando uma latrina de poluição ou talvez venha a explodir em algum belo dia da primavera, como esse alguém pode realmente manter algum grau de amor-próprio, já que precisa gastar a maior parte de seu tempo e esforço simplesmente tentando sobreviver? Por que haveria alguém de ter boa opinião de si próprio? Como se pode ser feliz? O que existe em nós de que se possa gostar? O que é tão bom assim, nesta vida? Quem chamou a isto de céu na terra?

- De algum modo, amigo velho, desconfio que está a me apresentar perguntas meramente retóricas.

Simon fechou a cara; seus ombros baixaram em cansaço momentâneo, devido à longa preleção que fizera. E logo um sorriso completo transfigurou-lhe o semblante, seus olhos se arregalaram, ele ergueu a voz.

- A resposta paradoxal, senhor Og, é que, a despeito de todas as forças arregimentadas contra nós, ainda queremos, e queremos muitíssimo, orgulharmo-nos de nossas vidas. Ainda desejamos, com todo o coração, alcançar nosso potencial pleno, e é somente por causa dessa pequenina chama de esperança ardendo dentro de nós que choramos envergonhados diante de nossos fracassos, de nossa decaída gradual para o poço comum da mediocridade.

Somos como aquelas figuras em tantas pinturas da Renascença, apresentando almas condenadas ao inferno e deslizando para o fogo derretido, enquanto as mãos continuam erguidas para cima, ainda a se estenderem para lá, ainda procurando ajuda, ajuda que em geral nunca é dada.

- Existe alguma esperança, Simon? Será que adianta realmente alguma coisa acender uma vela minúscula em toda esta escuridão?

- Sempre existe esperança. Quando toda a esperança houver desaparecido, o mundo terminará. E não pense em apenas uma vela, quando procura sobrepujar a escuridão da desesperança. Se todos acendessem uma vela, poderíamos transformar a noite mais escura no dia mais claro.

Tentei fazer o papel de advogado do diabo.

- Mas a raça humana não foi aleijada e ferida além de qualquer esperança de concerto? O mundo caminha demasiadamente depressa para a pessoa comum. Ela sai da estrada, no começo da vida, e abandona seu lugar aos mais rápidos, inescrupulosos e mesquinhos. Para cada história de êxito neste mundo existem mil fracassos completos, e essa proporção não se parece alterar para melhor, ao aumentar a população.

- Senhor Og, estou surpreso por ouvi-lo falar assim.

Parece estar medindo o êxito e o fracasso como todas as pessoas o fazem. Não pode estar falando sério em suas perguntas. Não pode ter escrito o seu livro acreditando que o êxito seja medido, apenas, por saldos bancários.

- E não acredito, Simon. No entanto, não consigo dizer-lhe quantas vezes tive de responder a perguntas desse tipo feitas a mim por algum entrevistador que não leu meu livro e, portanto, supõe que eu escrevi outro livro de incitamento, dizendo ao leitor como obter o êxito, o que sempre se vê relacionado com o enriquecimento. Digamos a coisa como ela é: riqueza e êxito são sinônimos, neste país.

- Sei. Triste, porém verdade.

- E então, quando se procura explicar, enquanto as câmaras de televisão nos espiam com sua luzinha vermelha a brilhar, que o livro pouco tem a ver com o ganho financeiro e tudo a ver com a paz do espírito ou felicidade, geralmente se obtêm uma risada sarcástica e uma série de perguntas bem difíceis de responder.

- Por exemplo, senhor Og?

- É muito bom vir falar de felicidade e paz de espírito, dizem eles, mas como se põe um sorriso no rosto do homem que está desempregado, com cinco bocas famintas a alimentar, a geladeira vazia? Como se acalma a mente e a alma de uma jovem mãe do gueto, que foi criada por seu ambiente, enquanto ela se esforça por sustentar os três filhos sem pai? Como se convence a um moribundo que ainda pode desfrutar o que resta da vida? O que se diz à dona-de-casa que tem a certeza de estar condenada a uma vida de pratos sujos e camas por arrumar?

- Nenhum desses problemas que apresenta é fácil, senhor Og, mas permita lembrar-lhe mais uma vez que cada um desses indivíduos e todos os outros do mundo ainda têm sua própria luz-piloto a arder dentro de si. Pode estar muito diminuída, em alguns, mas vou dizer-lhe... ela nunca, nunca se apaga! Enquanto existir um alento de vida restante, resta a esperança... e é com isso que nós, apanhadores de papéis, contamos. É só nos dar a oportunidade, e poderemos fornecer o combustível que será aceso por qualquer luz-piloto, por diminuta que seja. O ser humano, meu amigo, é um organismo notável, complexo e resistente, capaz de

ressuscitar de sua própria vida morta, muitas vezes, se receber a oportunidade e lhe ser mostrado o caminho.

- É aí que vocês, apanhadores de papéis, atuam?

Entre os mortos-vivos... os perdedores da humanidade?

- Em geral, sim. Descobri que a maioria dos indivíduos não quer ajuda, nem está em condições de aceitá-la até que tenha alcançado o fundo. A essa altura, calculam que nada têm a perder, de modo que se mostram receptivos à minha técnica simples, destinada a ajudá-los a começar uma vida nova... a executar o maior milagre do mundo... a ressuscitar de sua morte viva. Já leu Emerson, senhor Og?

Não li Emerson, desde meu último ano no ginásio.

- Que pena. Emerson devia ser lido pelas pessoas com trinta e quarenta e cinquenta anos de idade, e não pelos adolescentes. Emerson escreveu: “Nossa força cresce de nossa fraqueza. A indignação que se arma com forças secretas não desperta até que sejamos alfinetados, mordidos e fortemente acusados. Quando o homem é oprimido, atormentado, derrotado, tem a oportunidade de aprender alguma coisa; é obrigado a usar seus recursos de espírito, sua virilidade; adquire fatos, aprende sobre sua ignorância, cura-se da insanidade da soberba, obtém moderação e real capacidade!”

- Mas a sua meta suprema não é um sonho impossível? Você não está, como Dom Quixote, tentando fugir da realidade desta vida, e não está preocupado com o fato de que se acha condenado ao mesmo destino? Os valores antigos, os princípios antigos já não funcionam em nossos dias. O que temos de fazer para que eles voltem a possuir significado é alterar todo o ambiente. Simon, você está propondo transformar o mundo. Isso já foi tentado repetidas vezes. Temos toda uma lista de mártires que tentaram e fracassaram.

- Eles não fracassaram. Enquanto a poderosa Roma entrava em colapso em volta de si, um homem sábio, chamado Paulinus, continuou a cuidar de um pequeno santuário, a fim de manter sua lucidez e serenidade. Ainda se encontram suas palavras de sabedoria, em qualquer biblioteca... esse velho e sábio apanhador de papéis. Os mártires não fracassam quando seu coração deixa de bater.

Se eles fracassassem, o senhor e eu não estaríamos sentados aqui, examinando a possibilidade de prosseguir com sua meta comum, de tornar este mundo um lugar melhor para todas as criaturas de Deus!

O velho voltou a seu assento, estendeu a mão e colocou-a em meu joelho.

- Senhor Og, por que não tentar mudar o mundo! Por que não ensinar a outros que podem executar um milagre em suas vidas! Que importância tem para o homem o fato de que ele não viva no centro do universo, desde que possa criar seu próprio mundo belo? Por que deveria o homem preocupar-se por descender do reino animal, depois de compreender que dispõe de poderes que nenhum outro animal possui! E por que haveria de preocupá-lo o fato de que alguns de seus atos são desencadeados por impressões juvenis sepultadas em sua mente subconsciente, quando ele ainda tem o poder de controlar a mente e, desse modo, estabelecer o seu destino supremo? Apenas o homem, cada qual a seu próprio modo, tem a decisão suprema de como sua vida é vivida.

Ele dissera tanta coisa profunda e dotada de sentido que tive de fazer uma pausa em nosso debate, ou pelo menos aliviar aquilo, a fim de ter tempo para digerir suas observações. Assim é que acendi um cigarro e procurei distraí-lo.

- Simon, os astrólogos não pensariam grande coisa de suas observações de que o homem tem a capacidade de controlar seu próprio destino.

Ele assentiu, triste, e sorriu.

- Os videntes, astrólogos, curandeiros, quiromantes, médiuns... toda época tem muitos dispositivos de segurança.

Dito isso, o velho passou a mão pelos cabelos grisalhos.

- Conhece Shakespeare, senhor Og?

- Um pouco.

- “A culpa, meu caro Brutus, não está nas estrelas, mas em nós mesmos.”

Seis

Eu o surpreendi com um presente, quando fazia setenta e nove anos.

O choque, por eu ter lembrado da data exata, 13 de novembro, revelada em uma de nossas primeiras conversas, quase acabou com o meu amigo.

Detesto fazer compras, mas havia passado dois sábados tormentosos, procurando algo singular e dotado de sentido para dar de presente a Simon. Finalmente o encontrei em Marshall Fields, Woodfield... um gerânio de vidro fundido, artesanato italiano. Tinha quase dois palmos de altura, as cores e folhas tão autênticas que, sem tocá-lo, ninguém poderia saber que a planta era artificial.

Simon tinha um canteiro de janela, o único pendurado exteriormente em qualquer janela de apartamento em todo aquele quarteirão. Disse que o construía e pendurara logo depois de haver-se mudado para lá, e a cada ano o trazia para dentro e pintava cuidadosamente com tinta verde. Em todas as primaveras, da mesma forma, plantava inúmeras mudas de gerânio, sua flor favorita, e elas sempre se esforçavam rumo ao céu; depois, transformavam-se em sombras feias de amarelo e lavanda, e finalmente murchavam e morriam. No ano passado, ao que me contara, tentara mudar a sorte, esperando até o início do verão e comprando plantas já inteiramente criadas e em flor. Duas semanas mais tarde, estavam acastanhadas e mortas.

Mesmo assim, não desistia, já encontrara uma nova estirpe, selecionada em catálogos de sementes, que separara para a tentativa da primavera seguinte.

O velho havia insistido em sua afirmação de que jamais perdera um só gerânio, quer em seus jardins de Damasco ou em Sachsenhausen. Certa feita, lançara-se a uma longa descrição de como cavava suas plantas favoritas antes que chegasse a geada, pendurando-as em seus porões a fim de que ali secassem, e depois voltava a plantá-las na primavera... um de seus primeiros êxitos em ajudar as coisas vivas a recomeçar vida nova, ao que comentou com uma risadinha. Alguns de seus gerânios ha-

viam vivido mais de vinte anos. Mas não em Chicago. Simon o atribuía à poluição.

- Como pode uma coisa sobreviver a esta chuva de morte que vem de cima, e dos monstros de gasolina na rua? Olhe lá fora, senhor Og. Estamos em lua cheia, esta noite.

Dá para vê-la? Não! Acharo-nos engolfados em nosso próprio lixo. Nós nos banhamos nele, nós o respiramos, nós o comemos. Até a água que joga em minhas plantas contém substâncias químicas que seriam capazes de matar uma barata. Hoje, somente as plantas e aves estão morrendo.

Amanhã, quem sabe? Mesmo assim, tenho fé em que, com o tempo, conseguirei criar um gerânio e a raça humana despertará a tempo de impedir que seu mundo seja transformado em imenso monte de lixo.

- Vai ser necessário todo um exército de apanhadores de papéis para realizar isso, Simon.

- Para que este planeta sobreviva, cada ser humano terá, com o tempo, de tornar-se seu próprio apanhador de papéis. Ele não deve contar com o vizinho para a salvação.

Acredite em mim, senhor Og, isso acontecerá.

Eles haviam embrulhado a planta de vidro para presente, a meu pedido, com um dos papéis mais extravagantes, e quando ele abriu a porta coloquei a grande caixa dourada em suas mãos e limitei-me a dizer:

- Feliz aniversário, amigo velho.

Ele recebeu a caixa, boquiaberto, sem fala. Depois, lágrimas grandes surgiram no canto dos olhos e escorreram pelas rugas fundas nas faces. Colocou a caixa cuidadosamente no chão e me abraçou. Finalmente depositou uma das mãos gigantescas em cada lado de meu rosto e me beijou na testa.

- Senhor Og, este é o primeiro presente de aniversário que recebo em trinta e cinco anos. Como soube do dia?

- Oh, foi você quem disse, sem querer, uma dessas noites. Abra a caixa.

- Não posso. É magnífica demais para ser aberta. O papel é tão lindo! Não deve ser rasgado.

- É apenas papel. Vá em frente, abra.

Simon baixou o corpanzil para o tapete e puxou a caixa grande em sua direção, de modo que uma perna comprida se situava a cada lado do embrulho. De início, desatou cuidadosamente a fita e a retirou com suavidade.

Depois enfiou os dedos por baixo do papel e, sempre que entrava em contato com a fita colante, retirava-a devagar, chegando assim a descobrir uma caixa de papelão grande e castanha. Depois sacou do bolso o canivete, cortou a faixa colada por cima e afastou as abas de cobertura. Olhou para dentro, fechou a cara. Depois começou a retirar o papel fino que fora colocado em volta da planta, saboreando cada momento com o tipo de animação e prelibação infantis que, em geral, só se vêem pela época do Natal. Finalmente estendeu a mão e, com cuidado, retirou seu presente de vidro do interior da caixa.

Um gerânio! Não acredito. Um pelargônio da melhor classe! Uma flor de exposição, um aristocrata fita azul, pode crer. E não é verdadeiro. Meu Deus! Feito de vidro! Senhor Og, onde encontrou uma obra de arte tão inacreditável? E olhe só... olhe o carmesim das flores! Certa vez, em Jerusalém, vi um gerânio com essa mesma iridescência. Quis comprá-lo do dono, mas não o consegui.

Que presente! Um presente muito caro, senhor Og. O que posso dizer?

- Não diga coisa alguma, Simon. Fico feliz que o satisfaça. É apenas um pequeno sinal de amor, e de agradecimento por todas as horas de sabedoria e esperança que partilhou comigo. Parabéns a você... e que a data se reproduza por setenta e nove anos mais.

Ele já se achava em pé, levando a planta de um lugar para outro, procurando o local ideal onde colocá-la. Situou a sobre a mesa de café, recuou uns passos, examinou por alguns minutos, sacudiu a cabeça e tirou-a de lá. Depois experimentou por cima da televisão. Não. Depois a mesinha por trás dos retratos da família. Estava melhor. Mas ainda não era lá.

Enquanto o observava a preocupar-se levando o presente de um lugar para outro, ocorreu-me uma inspiração repentina.

- Simon, só existe, na verdade, um lugar perfeito para esse gerânio.

Ele fez uma pausa, relutando, como se eu estivesse a estragar seus bons momentos.

- Onde, senhor Og?

- Bem, ela é feita de vidro, de modo que a poluição não a afetará. Por que não plantá-la lá fora, em seu canteiro de janela? Quem mais, em toda esta cidade, terá um gerânio vermelho no canteiro da janela, com o coração desabrochando em novembro... dezembro... janeiro, e por todos os outros meses do ano?

- Esse é um lance de gênio, senhor Og. E poderá estar lá para dar-lhe bom dia, todos os dias, quando chega ao estacionamento. Vou fazê-lo. Mas... o senhor deve desempenhar as honras.

- Honras? De que está falando?

- Deve plantá-lo para mim. Espere... espere... vou apanhar minha pá.

E assim é que nós dois plantamos nosso gerânio de vidro, que custara noventa e cinco dólares. Lutamos com a janela da sala, presa pelo gelo, até que ela subisse, relutante, e, enquanto lufadas geladas de ventos hibernais prematuros quase impediam minha respiração, inclinei-me e abri um buraco na terra negra e quase regelada do canteiro da janela.

Simon entregou-me a flor e eu a enterrei com a jarra, cobrindo-a de areia, de modo que só a planta aparecesse.

Depois recuamos para admirar nossa paisagem, enquanto a luz quente da sala se refletia nas pétalas da planta.

- É uma beleza, muito especial – gritou Simon, – agora, finalmente, tenho o meu gerânio. Está vendo? Aquele que persevera nunca fracassa. Quem, senão o senhor, encontraria um presente assim?

- É para meu apanhador de papéis favorito, só isso.

Depois tomamos um gole, de xerez, é claro, em comemoração a seus setenta e nove anos de idade, e ali sentados deu para ver que ele se esforçava por controlar as emoções. Os lábios tremiam de leve, os olhos estavam semicerrados. Fiquei pensando em que recordação ele mergulhara, mas permaneci calado. Finalmente sacudiu a cabeça, como a libertá-la, e disse:

- Nada é mais desgraçado do que um velho não ter algo para mostrar, a fim de provar que viveu muito tempo, a não ser os anos de sua idade.

- Eu sei quem disse isso. Sêneca, não foi?

- Senhor Og, é inteligente demais para ter apenas cinquenta anos de idade.

- Mas você tem muita coisa a mostrar pelos anos de sua vida, Simon. É só pensar nestes anos em que viveu como apanhador de papéis, em todas essas pessoas a quem ajudou...

- Sim,.. meus anjos da lixeira. Eu amei cada um deles. São a minha passagem para o céu... meu passaporte para Lisha... e Eric.

- Simon, eu gosto da observação feita por Henry Ford sobre envelhecer, mais do que da de Sêneca.

- Sim?

- Ford disse que se alguém reunisse toda a experiência e juízo das pessoas com mais de cinquenta anos, tirando-as do mundo, não restariam cérebros suficientes, nem talento para dirigi-lo.

- Mas, senhor Og, Ford não disse isso senão depois de ter passado dos cinquenta. E está claro que, então, existia o dito daquele humorista alemão do século dezoito, Richter.

Não o conhece?

- Eu sabia que você sairia ganhando. Pode dizer.

- Richter disse: “Como um sonho matinal, a vida se torna cada vez mais brilhante, quanto mais vivamos, e o motivo para tudo se torna mais claro. O que nos intrigou antes parece menos misterioso, e as trilhas tortas parecem mais retas, ao nos aproximarmos do fim.”

Como se fosse impelido por alguma força magnética gigantesca, levantei-me de repente da cadeira, fui até Simon e sentei-me a seus pés. Fitei, dali, seu belo rosto e disse:

- *O Memorando de Deus*. Acho que estou pronto, agora. Consideraria uma honra e um privilégio que você o desse a mim, e prometo que farei tudo que estiver a meu alcance para entregá-lo ao mundo. Não consigo pensar em outra época da nossa história na qual tenhamos precisado mais dessa mensagem.

O velho suspirou baixinho, com expressão de alívio quase avassalador no rosto.

- Eu receava que houvesse rejeitado minha oferta ou, ao correr dos meses, a tivesse esquecido. Sua aceitação é presente ainda maior do que o do meu gerânio. Mesmo assim, pensei outra vez sobre a oferta que fiz, desde que a apresentei.

- Quer dizer que mudou de idéia, Simon?

- Não, não... não é isso. Apenas a preocupação de que as pessoas possam não levar a sério a mensagem, senhor Og, por ser tão pouco sofisticada, curta e básica. Nos dias de hoje, parece que, quanto mais complicada, altissonante e cara alguém faça a instrução dos métodos de estudar sozinho, tanto mais as pessoas se mostram atraídas, ao mesmo tempo em que se inclinam a deixar de lado aqueles como Dale Carnegie, Dorothea Brande, Napoleon Hill, Norman Vincent Peale, e até mesmo o seu W. Clement Stone, que oferecem soluções simples, porém funcionais, aos problemas da vida. Ademais, uma coisa é aconselhar e orientar uma pessoa, pessoalmente, antes de apresentar-lhe *O Memorando de Deus*, por causa da força de nossa personalidade, que aumenta esperançosamente a credibilidade a nosso presente. Outra, muito diferente, é pretender que palavras apresentadas no papel, sem qualquer condicionamento mental e pessoal preliminar, tenham força suficiente para motivar o leitor à ação.

- Simon, sempre haverá um pequeno grupo de detratores, extensos em educação e curtos em experiência, prontos a acusá-lo de oferecer papa inócua e soluções simplistas para o que classificam de problemas extremamente complicados que, em geral, requerem cinco anos de terapia e cinquenta dólares por consulta semanal.

Mesmo assim, eu gostaria de receber um dólar por ser humano que já foi inspirado e auxiliado, realmente ajudado, pela leitura de Carnegie, Peale, Brande, Hill, Stone e muitos outros, e que nem mesmo conheceu os escritores.

- Entre eles, Mandino.

- Eu faria parte desse grupo a qualquer hora, se me aceitassem. Simon, você ainda quer multiplicar-se? Ainda quer ajudar milhares, em vez de apenas um punhado?

- Claro que sim.

- Pois bem, há dois ingredientes necessários para que *O Memorando de Deus* se torne um êxito. Em primeiro lugar, deve haver necessidade dele, e em segundo deve ser apresentado em uma vitrina que assegure ampla distribuição aos necessitados. Lembro-me de que Lillian Roth, em seu livro, *Eu Chorarei Amanhã*, disse que não conseguiria libertar-se de sua própria morte viva, o alcoolismo, até aprender finalmente a dizer as três palavras mais difíceis que já pronunciara. Essas palavras eram: “Preciso de ajuda.” Você próprio me disse que o melhor momento de ajudar as pessoas era quando elas haviam perdido toda a esperança e não lhes restava pessoa alguma a quem se voltar, procurando apoio. Simon, se você prestar atenção, poderá quase ouvir um coro de milhões de pessoas de todas as partes, posições e profissões no mundo pedindo ajuda. A necessidade de sua mensagem, neste instante, é tão grande que provavelmente jamais poderemos satisfazê-la tão bem quanto gostaríamos. Ricos ou pobres, brancos ou negros, belos ou feios, extrovertidos e cheios de amigos ou solitários... todos eles precisam de ajuda... são milhões os que acreditam que a vida, a sua vida, não tem sido o céu, porém o inferno... na terra.

Simon inclinara a cabeça e ouvia atentamente minhas palavras, assim como eu ouvira as dele. Não teve qualquer resposta, pelo que prossegui:

- O segundo ingrediente para garantir o êxito é que *O Memorando* tenha a vitrina e distribuição próprias. Nem mesmo o li ainda, mas prometo o seguinte: farei d’*O Memorando de Deus* parte de meu próximo livro, e também escreverei a seu respeito... e intitularei o livro *O Maior Milagre do Mundo*. Mostraremos a todos como executar esse milagre... como reciclar suas próprias vidas e voltar de suas mortes vivas.

- O senhor faria isso por mim?

- Por você, claro... mas também por todos aqueles seres humanos que querem a oportunidade de viver e nem mesmo percebem que ela continua sendo deles, bastando que queiram.

Sua risada estrondosa, de repente, preencheu o apartamento.

- Senhor Og, como recorde de meus dias como presidente, a maioria dos memorandos tem cópias a carbono, que vão a diversas pessoas ou departamentos dentro da organização. *O Memorando de Deus...* deveríamos mandar cópias a carbono para todo o mundo?

- E por que não? Temos quatro bilhões de trabalhadores nesta nossa companhia, todos eles se esforçando pela promoção a uma vida melhor... ou querendo esforçar-se, se souberem como. Vamos dar a todos eles a oportunidade de executar o maior milagre do mundo, e quando isso acontecer estaremos com nosso céu aqui mesmo!

- Vamos mostrar-lhes como, senhor Og, vamos mostrar-lhes como.

- Simon, como de costume, em sua companhia perdi a noção do tempo. Preciso ir correndo, agora. Posso levar o Memorando para ler no fim de semana?

Sua hesitação, quase imperceptível, teria passado despercebida aos olhos de qualquer outra pessoa.

- Esta noite não, meu amigo, mas logo... muito cedo, estará em seu poder.

Eu o conhecia bastante para não forçá-lo

- Está bem. Boa noite, meu velho.

- Boa noite, meu rapaz. E obrigado por uma festa de aniversário da qual jamais esquecerei. Você acendeu realmente uma vela por mim, hoje.

Ao caminhar por baixo do portão do estacionamento, que ele suspendera para mim naquela tempestade de neve, quase um ano antes, voltei-me e fitei a janela de seu apartamento.

Lá, em silhueta contra a luz cálida que vinha da sala de visitas, oscilavam as linhas escuras do novo gerânio vermelho de Simon.



Sete

O envelope de papel amarelo e grosso se encontrava, cheio de preságio, em minha escrivania, naquela segunda-feira que nunca esquecerei.

Estivera ausente mais uma vez, no que haviam garantido ser a última viagem promocional de meu livro.

Tal série de viagens consumira duas semanas, doze vôos, dez cidades, dez camas de hotéis desconhecidos, dez chamadas de manhã para acordar... e a mesma série infinita de perguntas e respostas, desde Nova Orleans a Monterrey.

Cheguei cedo ao escritório, contando assim obter o avanço de uma hora para o que contava fosse uma cesta de papéis transbordante. O cheiro de café recém-feito pairava no local. Somente Vi Noramzyk, que sempre viera mais cedo, chegara antes de mim.

Apanhei o envelope amarelo e fitei a caligrafia européia e bonita, em que as palavras se achavam escritas, com um misto de horror e pânico. No canto superior da esquerda, onde normalmente se põe o endereço do remetente, estavam as palavras:

Presente de despedida de um velho apanhador de papéis.

No centro do envelope viam-se meu nome e endereço comercial:

*Sr. Og Mandino, Presidente
Revista Success Unlimited
6355 Broadway
Chicago, Illinois 60660*

No canto superior à direita tinham sido colados selos... um dólar e vinte centavos. Não haviam sido cancelados pelo correio, não se via marca alguma de carimbo.

Deixei cair o envelope e saí correndo do escritório.

Exatamente quando abri a porta que dava para o corredor.

Pat entrou. Seu sorriso de “bem-vindo” sumiu, ao ver a expressão em meu rosto.

- O que se passa?

Agarrei-a pelo braço e quase a empurrei para o gabinete. Ali parei para apanhar o pacote onde o deixara cair no tapete, erguendo-o então.

- Quando recebemos isto?

Ela tirou o envelope de minha mão, leu a mensagem e deu de ombros.

- Não sei. Todo o seu correio está no sofá. Nunca vi isso aí, antes. Não estava aqui, quando fechei a porta na sexta-feira. Deve ter vindo hoje de manhã. Talvez por mensageiro, quem sabe?

Arranquei o telefone do gancho e apertei o número 24... nosso departamento de assinaturas. Bárbara Voigh, gerente de assinaturas, nem mesmo teve a oportunidade de me apresentar boas-vindas de volta ao trabalho.

- Bárbara, por favor, peça a Vi para vir a meu escritório.

Vi logo se apresentava em pé e inquieta, à porta, o rostinho de querubim demonstrando preocupação e perplexidade quanto ao motivo pelo qual eu queria vê-la.

- Vi, você abriu o escritório, hoje de manhã?

- Sim, sempre abro.

- Eu sei. Alguém lhe entregou este pacote?

- Não.

- Você viu algum desconhecido no corredor, quando chegou?

- Não. Ninguém estava por lá, a não ser Charlie, o porteiro. Eu só preparei o café, como sempre, esperei até que o bule enchesse, tomei uma xícara e voltei pelo corredor. Ora essa, o que se passa?

- Não é nada, Vi. Não importa. Obrigado.

Joguei o pacote sobre a escrivaninha, agarrei o capotão e saí correndo do escritório. A calçada começava a embranquecer, com a primeira neve hibernal de Chicago, e lembro-me vagamente de ter escorregado e caído diversas vezes enquanto corria pelo parque de estacionamento,

atravessando a Rua Winthrop, seguindo para a portaria do apartamento de Simon. Não me dei ao trabalho de tocar a campainha e subi as escadas, dois degraus de cada vez.

Chegando ao patamar do segundo andar, voltei-me e comecei a bater na porta do apartamento de Simon.

A porta finalmente se abriu e lá estava eu fitando uma mulher gorda e de rosto vermelho, os cabelos com enroladores, segurando um bebê que chorava. Outra criança suja agarrava-se com força ao roupão desbotado e roxo da mulher. Simon devia estar empenhado em outra missão misericordiosa de apanhador de papéis, foi o que pensei.

- O Sr. Potter, por favor.

- Quem?

- O Sr. Potter. O velho. Ele mora aqui.

- Aqui não tem ninguém com esse nome.

- De que está falando? Ele mora aqui há anos. Diga a ele que Og Mandino chegou.

- Escuta, meu camarada, eu me chamo Linda Johnson. Moro nesta maloca faz quatro anos e sei muito bem que por aqui não tem ninguém com o nome de Potter.

Começou a fechar a porta, mas eu a impedi com o braço e entrei no apartamento.

- Vamos, minha senhora, não venha com brincadeiras. Estive nesse apartamento mais de cem vezes, no ano passado. Um velho chamado Simon Potter mora aqui. Onde está ele?

Antes que pudesse responder, meus olhos percorreram o apartamento e senti que o cabelo se arrepiava em minha nuca. Nada daquilo era conhecido. Nossas duas cadeiras favoritas, em que nos sentávamos para conversar, haviam desaparecido. Não se enxergavam livros empilhados na parede da sala. O tapete enxadrezado fora substituído por um linóleo feio, de xadrez alaranjado e azul. A mulher, que agora agarrava a criança mais a si, resmungou:

- Camarada, vou lhe dar cinco minutos para se mandar daqui e depois começo a berrar e chamar a polícia.

Quem diabo você pensa que é, para entrar assim em meu apartamento, seu pé-frio! Devia estar na cadeia ou no hospício. Vai dando o fora daqui!

Senti os joelhos enfraquecerem, o estômago se agitava. Queria vomitar. Recuei devagar em direção à porta e ergui as mãos, indefeso.

- Desculpe, minha senhora. Talvez eu tenha entrado no apartamento errado. Conhece Simon Potter? Um homem idoso, moreno, muito alto, que tem um cachorro, um bassê?

- Aqui não tem ninguém desse jeito. Eu tenho de saber, porque moro neste lugar faz quatro anos.

- E ao lado?

- Daquele lado tem uma velha italiana e a filha.

Daquele lado, ali, tem um homem preto que mora sozinho.

Aqui não mora nenhum sujeito chamado Potter, fique sabendo. Agora, dê o pira!

Voltei a pedir desculpas e saí para o corredor. A porta bateu com estrondo e eu fitava os números pintados de vermelho, com os quais me familiarizara tanto... 21. Ainda me sentia enfraquecido, de modo que me sentei na escada, tentando organizar os pensamentos, onde estava ele? Teria eu sonhado tudo? E se sonhara, que inferno de pesadelo! A qualquer momento, pensava eu, algum produtor de televisão fantasmagórico surgiria por ali, a fim de me transformar em mais uma edição na *Galeria Noturna*.

Foi quando me ocorreu uma idéia. Desci as escadas correndo, passei pela portaria, desci mais um lance de escadas até o portão. Na extremidade, dava para ver a luz e ouvir o zumbido da fomalha. Uma figura esguia e ensombrecida reclinava-se numa cadeira, por baixo da lâmpada isolada, cheia de manchas de moscas.

- Você é o porteiro?

- Sim, senhor, sim, senhor.

- Faz muito que está aqui?

- A noite toda.

- Não, não... faz muito tempo que trabalha aqui?

- Vai fazer onze anos em fevereiro.

- Existe um Simon Potter registrado como inquilino neste edifício? Homem alto, moreno, cabelos compridos. Barbudo. Parece-se muito com Abraham Lincoln. Tem um cachorro, um bassê.

- A gente não permite cachorro neste edifício.

- Conhece o homem que descrevi?

- Não, senhor.

- Já viu o homem que descrevi, aqui ou lá fora, na rua?

- Não, senhor. Conheço todo mundo neste edifício e quase todo mundo na vizinhança. Não tem homem assim por aí, e não tem tido homem assim neste quarteirão nos últimos onze anos, posso garantir.

- Tem certeza?

- Certeza absoluta.

Voltei a subir correndo os degraus, cruzei a rua para o estacionamento e abri a porta de meu automóvel. Com algum tempo mais, achava-me na Delegacia de Polícia da Avenida Foster, embora ainda não me lembre de como dirigi até lá. Estacionei o carro entre dois carros azuis do esquadrão policial e entrei correndo na delegacia.

Impaciente, esperei na janela gradeada até que um jovem sargento acenasse para mim, pronto a receber-me.

- Sargento, eu me chamo Mandino, e tenho um negócio lá na Broadway.

- Sim, senhor.

- Alguém desapareceu. Tenho um amigo que morou em um apartamento no número 2.353 da Avenida Winthrop. Eu o conheço faz mais de um ano. Saí de meu escritório por duas semanas e quando voltei hoje de manhã, havia um pacote sobre a escrivaninha, com meu nome e en-

dereço, e algumas palavras no canto esquerdo, dizendo que era um presente de despedida dele.

- O que havia no pacote?

- Não sei. Assim que li essa mensagem de despedida, fui correndo ao apartamento dele e...

- E?

- Ele não estava lá. Além disso, as pessoas que estavam no apartamento dele disseram que ele nunca morou ali... nunca tinham conhecido alguém como o homem que eu descrevi.

- Tem certeza de que foi ao apartamento certo?

- Estive ali mais de cem vezes. Apartamento 21.

Conversei com o porteiro do edifício. Ele não conhecia pessoa alguma com o nome de Simon Potter. Disse que nunca morou uma pessoa assim no edifício nos últimos onze anos. Não existe um Simon Potter.

- O senhor está bem, cavalheiro?

- Sim, estou bem. Não bebi e não sou maluco, acredite. E por que cargas-d'água haveria eu de inventar este tipo de história?

- Já ouvi histórias mais doidas.

- Aposto que sim.

- Qual é, mesmo, o nome do camarada?

- Potter... Simon Potter. Quase oitenta anos de idade.

Cabelos escuros e compridos. E a barba, também. Alto.

Tinha um cachorro... um bassê.

O sargento acendeu o cigarro e me examinou atentamente por alguns segundos. Depois voltou-se, sem dizer uma só palavra, e regressou para o gabinete de trás.

Talvez quinze minutos houvessem decorrido até que reaparecesse.

- Não recolhemos pessoa alguma com esse nome, ou que corresponda à descrição de seu amigo, nas últimas três semanas, nesta delega-

cia. Mas a cidade é grande. Por que não procura no hospital do condado de Cook?

- Está bem.

- E num outro lugar.

- Onde?

- O necrotério do condado, na West Polk.

Parti para o hospital. Mostraram-se educados e pacientes comigo, examinaram seus assentamentos dos últimos quatorze dias. Ninguém com o nome de Simon, ou ajustando-se à descrição dele, fora trazido para qualquer tipo de tratamento. Também sugeriram que fosse examinar o necrotério. Fui lá, onde trataram meu relato de modo casual... como se eu fosse alguém apresentando uma queixa em gigantesca loja de artigos domésticos. Era evidente que ouviam relatos semelhantes a cada hora, sobre pais, filhos, irmãos, irmãs, amantes desaparecidos. De maneira metódica, examinaram os arquivos microfilmados e um jovem finalmente se adiantou, com uma pequena prancheta.

- Senhor, temos um “não-identificado” que se assemelha à idade e descrição geral. Quer dar uma olhada? Assenti e o acompanhei. Ao seguirmos pelo corredor fartamente iluminado, com cheiro de anti-séptico, ele tocou em meu braço e disse:

- Não deixe que o fedor o ataque. Ainda não inventaram um desodorante para acabar com esses cheiros.

Finalmente abriu uma porta de vaivém e entramos em um quarto frio, com gavetas gigantescas, apresentando-se em fileiras como gavetas de arquivo fantasmagórico.

Examinou o número em sua anotação e puxou uma das alças. Voltei a cabeça para o outro lado, sem querer olhar.

Finalmente obriguei-me a olhar e vi o corpo nu de um homem muito velho, os cabelos compridos envoltos ao redor do rosto e peito, os olhos ainda entreabertos. Meu coração disparava, quando me inclinei à frente para olhar melhor aquele pobre ser humano, sem nome e sem parentes, que caíra em seu último montão de lixo.

Não era Simon.

Tentei, finalmente, as Pessoas Desaparecidas. Nada.

A neve continuava caindo quando cheguei ao estacionamento. Desembarquei, fiz girar a chave e observei que o portão subia devagar para o céu, lembrando-me mais uma vez daquele primeiro dia na neve, quando um homem estranho e belo entrara em minha vida e sustentara o mundo com as mãos, para que eu entrasse. Voltei ao automóvel, esmurrei o volante com os punhos, fiz a mudança e estacionei o veículo numa vaga.

Devia estar com aspecto terrível, pois meus próprios subordinados desviavam o olhar, como se não desejassem observar minha presença, quando entrei novamente no escritório, deixando a neve no tapete vermelho da recepção.

Ao passar pela escrivaninha de Pat, fiz um gesto em direção a meu gabinete e ela se levantou, acompanhando-me.

- Feche a porta, meu bem... e sente-se.

Ela fechou a cara e sentou-se diante de mim. Seus olhos estavam arregalados, com medo e preocupação.

- Meu Deus, Og, o que aconteceu?

- Acho que devo ter enlouquecido, Pat. Agora, escute o que vou dizer. Você mora na Rua Winthrop, não é?

- Sim. A um quarteirão daqui.

- Todas as manhãs, quando você vem a pé para o trabalho, passa pelo estacionamento?

- Sim.

- Você já viu um velho estranho, em volta do estacionamento? Ele usa roupas antigas, engraçadas, e geralmente dá de comer aos pombos. Tem cabelos compridos, barba e anda sempre com um cachorro bassê.

Ela pensou por alguns momentos e sacudiu a cabeça.

- Em geral há alguns malandros por ali, mas ninguém desse jeito.

- Você nunca viu o homem? Ele é muito alto e muito velho. As vezes usa um crucifixo de madeira pendurado ao pescoço.

- Nunca vi. O que se passa, Og? O que aconteceu?

- Não é nada, meu bem. Mais tarde contarei.

Obrigado. Oh... atenda a todas as minhas chamadas, até que eu volte a chamá-la.

Após a saída dela, permaneci sentado ali, tentando coordenar os pensamentos... perseguindo borboletas enganadoras e efêmeras de imagens irracionais... tentando ignorar a dor de cabeça... e no estômago. Eu estava a ponto de sofrer um colapso? Era assim que o colapso nervoso chegava ao máximo, na incapacidade assustadora de correlacionar um pensamento racional a outro? Era sobre isso que todos aqueles seminários e livros para executivos advertiam, dizendo o que aconteceria a quem levasse o corpo e a mente aos limites e, além disso, procurasse comprimir diversas vidas em uma só, na arrancada louca para o êxito? Será que a mente finalmente troca os canais da pessoa e a obriga a participar, em uma terra de fantasia, de atos e conversas com personagens dragados de algum livro infantil de histórias, desde muito esquecido? Será essa a figura suprema, quando as tensões e as responsabilidades se avolumam em demasia?

Seria Simon apenas um sonho? Impossível. Ainda assim, se Simon estivesse quase sempre perto do estacionamento, todas as manhãs, por que motivo Pat jamais o vira? E que dizer do apartamento dele? Estaria alguém fazendo algum tipo de brincadeira macabra comigo? Ora, por que eu nunca falara a seu respeito com pessoa alguma? E que dizer de todas as suas preleções... aquelas horas inestimáveis de inspiração, conhecimento e esperança? E que dizer daquilo, de apanhador de papéis... apanhando os desistentes da corrida humana, no montão de lixo... mostrando às pessoas como executar o maior milagre do mundo... meu santo Deus, não poderia ter inventado tudo aquilo, mesmo em meus momentos mais tresloucados de criação.

Voltei a alguma semelhança de lucidez quando compreendi, de repente, que estivera revirando o envelope amarelo nas mãos, o envelope amarelo - minha única ligação com a verdade... minha única ligação com Simon - minha prova de que ele realmente existia! Descobri-me es-

fregando o pacote como se, à semelhança do que acontece na história de Aladim e sua lâmpada, uma lâmpada de Aladim, esse contato fizesse o velho reaparecer. Pude descansar um pouco. Se ele enviara o pacote, eu não enlouquecera. Simon existia!

- Simon, Simon... onde está, com os diabos? Não faça assim comigo. Eu não mereço isso, de você!

Devo ter andado à beira do choque... quando berrei na direção daquelas três cadeiras vazias que me defrontavam, diante da escrivania. Finalmente me volvei sobre o envelope amarelo, rasguei a orla, estendi a mão e dali tirei diversas folhas de papel datilografadas, presas por um clipe.

Ao fazê-lo, um pequeno objeto rolou do interior do envelope para a minha escrivania. Eu o apanhei... era um minúsculo alfinete de segurança preso a pequeno fragmento de trapo branco, medindo aproximadamente meia polegada quadrada.

Empurrei o alfinete para o lado. Presa ao clipe que segurava as páginas havia uma carta escrita a mim, na mesma caligrafia que se via no envelope.

A carta não tinha data.



Oito

Caro senhor Og:

Não estou preparado para enfrentar todos os aspectos legais, que tomam tanto tempo, necessários a um *último testamento*. Esta carta bastará.

No ano decorrido o senhor me trouxe amor, companhia, alegria e boa conversa, para não falar de um *gerânio vermelho e imortal* – e os trouxe à vida de um velho apanhador de papéis.

Os apanhadores de papéis, pela própria natureza da profissão que escolheram, não estão acostumados a se colocarem na extremidade receptora dos melhores presentes da vida; tampouco é aconselhável que se prendam demasiadamente àqueles a quem desejam ajudar.

Mesmo assim existem momentos nos quais os professores precisam aprender, os doutores precisam ser curados, os advogados precisam ser defendidos, os comediantes precisam ser divertidos e até os apanhadores de papéis precisam ser amados

Sei que me amou, como o amo.

É certo e justo, portanto, que eu legue a matriz anexa *d'O Memorando de Deus* ao senhor, não apenas para cumprir minha promessa, mas também para trazer uma culminação àquela série longa de coincidências aparentemente milagrosas entre mim e o grande vendedor de seu livro.

Talvez depois de o senhor ter-se beneficiado de muita introspecção e pensamento, no que diz respeito à nossa relação, consiga colocar os últimos doze meses em sua perspectiva devida, e até chegar à conclusão eventual de que não foi tão difícil para mim escrever *O Memorando de Deus* como é, para o senhor, aceitar-lhe a existência.

Sabendo que é homem impetuoso, providenciei para que, muito antes de receber esta parte de minha carta, tenha-me procurado em vão e esteja agora atormentado pelo pesar e preocupação por meu bem-estar. Não se preocupe. Expulse todas as preocupações de sua mente.

Nas palavras de outro apanhador de papéis, peço-lhe agora para não se atormentar mais com o pesar... pois, para onde vou, não poderá acompanhar-me, mas um dia o fará.

Não se esqueça de que temos um contrato, o senhor e eu. *O Memorando de Deus* acha-se agora em seu poder, sendo meu desejo que venha mais tarde a partilhá-lo com o mundo, mas só depois de aplicar seus princípios à sua própria vida, de modo coerente com minhas instruções.

Lembre-se de que as tarefas mais difíceis são realizadas, não por uma irrupção isolada e explosiva de energia ou esforço, mas pela aplicação diária e consistente do melhor que tem dentro de si.

Mudar a vida de alguém, e mudar para melhor, ressuscitar nosso corpo e mente da morte viva, eis tarefa que requer muitos passos positivos, um após o outro, com a vista sempre na meta.

O Memorando de Deus é o seu único bilhete de passagem para uma vida nova. Nada fará pelo senhor, a menos que abra a mente e o coração para recebê-lo. Por si só, não o fará mover-se um só centímetro em qualquer direção. O meio de transporte e o poder de vencer a sua inércia devem ser gerados por forças desde muito adormecidas, mas ainda vivas dentro de si. Siga as regras seguintes e suas forças entrarão em ignição.

1. Em primeiro lugar, marque este dia em seu calendário. Depois, conte para a frente cem dias e marque esse novo dia. Isso estabelecerá a extensão de sua missão, sem a necessidade de que passe a contar cada dia, ao vivê-lo.
2. Em seguida, neste envelope encontrará um pequeno alfinete de segurança, ao qual foi preso um fragmento minúsculo de pano branco, na forma de um quadrado. Esta combinação de alfinete e pano, dois dos materiais mais comuns e despreziosos do mundo, é o amuleto secreto de seu apanhador de papéis. Use o amuleto no senhor, em lugar que lhe seja visível, como lembrete constante nos próximos cem dias, servindo para lembrá-lo de que está tentando viver do modo como é instruído n' *O Memorando de Deus*. Seu alfinete e pano são símbolos... o símbolo de que se acha no processo de transformar sua vida, dos alfinetes e panos do fracasso para os tesouros de uma vida nova e melhor.

3. De modo algum divulgue o significado de seu amuleto para aqueles que indaguem, durante sua missão de *cem dias*.
4. Leia O Memorando de Deus antes de se deitar, todas as noites, por cem noites... e depois durma em paz, enquanto a mensagem que leu se aprofunda gradualmente em sua mente que nunca dorme. Não permita que qualquer motivo ou desculpa o obrigue a ficar sem a leitura, por uma só noite que seja.

Gradualmente, à medida que os dias se tornarem semanas, observará grandes transformações no senhor... e também naqueles que o cercam. Ao centésimo dia... será o milagre vivo... uma pessoa nova... cheia de beleza, admiração, vontade de progredir e capacidade.

Então, e somente então, descubra alguém que, como seu eu antigo, precisa de auxílio. Dê-lhe duas coisas... o seu amuleto secreto de apanhador de papéis ... e *O Memorando de Deus*.

Há mais uma coisa para dar-lhe ... como eu lhe dei... amor.

Ocorre-me uma visão, na qual percebo muitos milhares de pessoas usando nossos amuletos de apanhadores de papéis. As pessoas vão encontrar-se no mercado, na rua, em seus lugares de adoração, em seus transportes públicos, nas escolas e no trabalho e fitar-se-ão umas às outras; vendo o alfinete e o trapo insignificante que usam, sorrirão entre si, como irmãos e irmãs... pois cada qual saberá que o outro embarcou na mesma missão, no mesmo sonho, com um fito comum... transformar sua vida para melhor e, dessa maneira, juntos, transformarem seu mundo.

Ainda assim, profetizo muitas situações difíceis à sua frente senhor Og. Caso venha, com o tempo, a decidir transformar *O Memorando de Deus* em parte de um futuro livro, inevitavelmente ser-lhe-á pedido, por seu editor, que faça viagens promocionais, como fez no passado para os outros livros. Como explicará *O Memorando de Deus*, já que será impossível provar que seu criador, seu autor, tenha existido? Diversos desafios serão feitos à sua honestidade, e talvez à sua lucidez, por aqueles que se recusarão a acreditar em sua história, se a contar como nós a vivemos. E quem pode culpá-los? Não passou muito tempo desde a época em que seres humanos foram crucificados, decapitados ou queimados por coisas muito mais insignificantes do que aquelas que o senhor será

levado a dizer, a fim de se mostrar inteiramente verídico quanto a mim e ao Memorando.

Ainda assim, eu o deixo ao seu cuidado, com fé absoluta de que o tratará como a um filho amado. Sei o quanto gosta de um desafio, de modo que eu o desafio a usá-lo o senhor mesmo; eu o desafio a publicá-lo, e eu o desafio a partilhá-lo com o mundo.

Certa vez o senhor disse que teve uma premonição a meu respeito. Ao ler estas palavras, saberá que não voltaremos a nos ver, por muito tempo. Não haverá mais horas, juntos, nas quais possamos tomar nosso xerez, na paz e calor de uma amizade que não conheceu fronteiras de tempo ou espaço. E eu o deixo, por enquanto, não com tristeza, mas com satisfação e alegria, por termos estado juntos e havermos caminhado, de braços dados, por este momento curto da eternidade. Quem poderia querer mais? Algum dia, quando o mundo o acostrar, como acontecerá de vez em quando, sirva-se de um copo de xerez e pense em seu velho apanhador de papéis. Minhas bênçãos ficam sempre com o senhor e meu único pedido é que continue a escrever, não importa quais sejam as circunstâncias. Ainda tem muito a dizer, o mundo precisa do senhor. Os apanhadores de papéis precisam do senhor, eu também preciso.

Um de meus bons amigos, Sócrates, em seus últimos momentos, afirmou: “A hora de minha partida chegou, e nós tomamos caminhos diferentes... eu, para morrer, e vocês para viver. Qual é o melhor, só Deus sabe.” Senhor Og, eu sei qual é o melhor.

Viver... é melhor.

Viva na felicidade... e paz duradoura.

Com amor,

Simon.

Deixei cair a carta e fitei as páginas datilografadas.

Apanhei o pequeno alfinete de segurança com seu fragmento de trapo branco e o espetei na lapela do paletó.

Estendi a mão pela mesa e puxei a mim meu calendário de cinco anos.

Circudei a data e contei à frente cem dias, o que me levava ao ano novo.

Circudei, também, o centésimo dia.

Essa noite, antes de apagar minha lâmpada de cabeceira, eu lia o Memorando de Deus, conforme ele determinara.

Minhas mãos estavam cerradas com força. Baixei a cabeça para a escrivaninha, até tocá-la com a testa.

Por que chorava?... Por que Simon me deixara? Por que eu desconfiara, tarde demais, de sua verdadeira identidade? Ou por que eu sabia que minha vida, meus sonhos, meu mundo, jamais voltariam a ser os mesmos, agora que ele pusera as mãos neles?



Nove

MEMORANDO DE DEUS

A: TI

De: DEUS

Vejo que choras.

Teu choro atravessa a escuridão, infiltra-se pelas nuvens, mistura-se com a luz das estrelas e chega a meu coração, na trilha de um raio de sol.

Angustiei-me pelo grito de uma lebre estrangulada no laço de uma armadilha, um pardal caído do ninho materno, uma criança que se debatia indefesa em um lago, um filho que derramava seu sangue na cruz.

Sabe que também te escuto. Fica em paz.

Acalma-te.

Eu te trago o alívio para teu pesar, pois sei qual é a causa... e a cura.

Choras por todos os teus sonhos de infância, que desapareceram com os anos.

Choras por todo o teu amor-próprio, que foi corroído pelo fracasso.

Choras por todo o teu potencial, que foi barganhado por segurança.

Choras por toda a tua individualidade, que foi pisoteada pelas multidões.

Choras por todo o teu talento, que foi desperdiçado pelo uso errado.

Encaras a ti mesmo com vergonha e te voltas, apavorado, da imagem que vês refletida na superfície da água. Quem é esse deboche de humanidade que te fita, com os olhos descorados da vergonha?

Onde está a graça de teus modos, a beleza de tua figura, a rapidez de teus movimentos, a clareza de tua mente, a eloquência de tua língua? Quem roubou os teus bens? A identidade do ladrão é tua conhecida, como é de mim?

Certa feita colocaste tua cabeça em um travesseiro de grama, no campo de teu pai, e fitaste uma catedral de nuvens, e soubeste que todo o ouro da Babilônia seria teu, com o tempo.

Certa feita leste em muitos livros e escreveste em muitas tábuas, convencido além de qualquer dúvida de que toda a sabedoria de Salomão seria igualada e ultrapassada por ti.

E as estações transformavam-se em anos, até que tu reinasses supremo, em teu próprio jardim do Paraíso.

Lembras-te de quem implantou esses planos e sonhos e sementes de esperança em ti?

Não podes lembrar.

Não tens recordação daquele momento, quando surgiste pela primeira vez no ventre de tua mãe e coloquei minha mão em teu cenho macio. E do segredo que cochichei em tua pequena orelha, quando leguei minhas bênçãos a ti?

Lembras-te de nosso segredo?

Não podes lembrar...

Os anos passados destruíram tua recordação, pois te encheram o espírito de medo, dúvida, ansiedade, remorso, ódio, e não há espaço para recordações alegres, onde essas feras habitam.

Não chores mais. Estou contigo... este momento é a linha divisória de tua vida. Tudo que se passou antes não se parece mais do que com este tempo em que dormiste dentro do ventre de tua mãe. O que é passado morreu. Que os mortos sepultem os mortos.

No dia de hoje, regressas dos mortos-vivos.

No dia de hoje, como Elias com o filho da viúva, eu me estendo sobre ti três vezes e voltas a viver.

No dia de hoje, como Elisha com o filho do shunamita, ponho minha boca sobre a tua, meus olhos sobre os teus, minhas mãos sobre as tuas, e tua carne volta a aquecer-se.

No dia de hoje, como Jesus no túmulo de Lázaro, ordeno-te que saias, e tu sairás andando de tua caverna do destino, a fim de começar vida nova.

Este é o dia de teu nascimento. Esta é tua nova data de nascimento. Tua primeira vida, como uma peça de teatro, foi apenas ensaio. Desta vez a cortina subiu. Desta vez o mundo observa, espera para aplaudir. Desta vez não fracassarás.

Acende tuas velas. Divide o teu bolo. Serve o vinho. Tu renasceste.

Como uma borboleta saída da crisálida, voarás... tão alto quanto quiseres, e nem as vespas, nem as libélulas, nem os louva-a-deus da humanidade obstruirão tua missão ou tua procura das verdadeiras riquezas da vida.

Sente minha mão em tua cabeça.

Escuta a minha sabedoria.

Deixa-me partilhar contigo, mais uma vez, o segredo que ouviste ao nascer, e esqueceste.

És o meu maior milagre.

És o maior milagre do mundo.

Foram essas as primeiras palavras que ouviste.

Depois, choraste. Todos choram.

Não acreditaste em mim, nessa ocasião... e nada aconteceu, nos anos decorridos, para corrigir tua descrença.

Pois como podias ser um milagre, quando te consideras um fracasso nas tarefas mais comuns? Como podes ser um milagre, quando tens pouca confiança ao lidar com as mais banais responsabilidades? Como podes ser um milagre, quando te achas acorrentado pela dívida e ficas acordado, atormentado, para saber de onde virá o pão de amanhã? Basta! O leite derramado azedou. Mesmo assim, quantos profetas, quantos homens sábios, quantos: poetas, quantos artistas, quantos compositores, quantos cientistas, quantos filósofos e mensageiros enviei, com a mensagem de tua divindade, teu potencial para a divindade, e os segredos da realização? Como foi que os trataste?

Ainda assim eu te amo e estou contigo agora, por meio destas palavras, a fim de cumprir o profeta que anunciou que o Senhor voltará a pôr a mão, pela segunda vez, a fim de recuperar o resto de sua gente.

Eu recoloquei minha mão.

Esta é a segunda vez.

Tu és o que me resta.

De nada adianta perguntar: não soubeste, não ouviste, não te foi contado desde o início, não o compreendeste, desde os fundamentos da terra?

Tu não soubeste; não ouviste; não compreendeste.

A ti foi dito que és uma divindade em disfarce, um deus se fazendo de tolo.

A ti foi dito que és uma obra especial, nobre na razão, infinita em faculdades, precisa e admirável em forma e movimentando-se como um anjo, como um deus na apreensão.

A ti foi dito que és o sal da terra.

Recebeste o segredo até mesmo de mover as montanhas, executar o impossível.

Não acreditaste em ninguém. Queimaste o teu mapa da felicidade, abandonaste teu direito a paz de espírito, apagaste as velas que haviam sido colocadas ao longo de tua trilha destinada de glória; depois cambaleaste, te perdeste e te assustaste na escuridão da futilidade e auto-comiseração, até tombares em um inferno de tua própria criação.

Depois choraste, bateste no peito e amaldiçoaste a sorte que te havia sido dada. Tu te recusaste a aceitar as conseqüências de teus próprios pensamentos mesquinhos, feitos indolentes, e procuraste um bode expiatório, para a ele incriminar por teu fracasso. Com que rapidez o descobriste...

Tu me incriminaste, a mim!

Gritaste que tuas deficiências, tua mediocridade, tua falta de oportunidade, teus fracassos... eram a vontade de Deus!

Estavas errado!

Examinemos. Vamos, antes, relacionar as tuas deficiências, pois como posso pedir-te que construas: uma vida nova, se não tiveres as ferramentas?

És cego? O sol se ergue e se põe sem que o vejas?

Não. Podes ver... e os cem milhões de receptores que coloquei em teus olhos capacitam-te a desfrutar a mágica de uma folha, um floco de neve, um lago, uma águia, uma criança, uma nuvem, uma estrela, uma rosa, um arco-íris... e a expressão de amor. Conta uma bênção.

És surdo? Pode uma criança rir ou chorar, sem que a escutes?

Não. Tu ouves... e as vinte e quatro mil fibras que coloquei em cada um de teus ouvidos vibram com o vento nas árvores, as ondas que se desmancham nas rochas, a majestade de uma ópera, a súplica de um pássaro, crianças brincando... e as palavras “eu te amo”. Conta outra bênção.

És mudo? Teus lábios se movem e só emitem saliva?

Não. Podes falar... como nenhuma outra de minhas criaturas, e tuas palavras podem acalmar os raivosos, animar os desanimados, encaminhar o desalentado, alegrar os infelizes, aquecer os solitários, louvar os dignos, encorajar os derrotados, ensinar os ignorantes... e dizer “eu te amo”. Conta outra bênção.

És paralítico? Tua forma inerte esbulha a terra?

Não. Tu podes mover-te. Não és uma árvore condenada a um local enquanto o vento e o mundo abusam de ti. Podes espreguiçar-te, comer, dançar e trabalhar, pois dentro de ti coloquei quinhentos músculos, duzentos ossos e sete milhas de fibras nervosas, todos sincronizados por mim, a fim de fazerem o que queiras. Conta outra bênção.

Não és amado e não amas? A solidão te engolfa, noite e dia?

Não. Não é mais assim. Pois agora conheces o segredo do amor, que, para se receber deve ser dado sem qualquer idéia de retribuição. Amar para obter realização, satisfação ou orgulho não é amar. Amar é um bem pelo qual não se exige retribuição alguma. Agora sabes que amar sem egoísmo constitui sua própria recompensa. E mesmo que o amor não seja retribuído, não se perde, pois voltará a ti e abrandará e purificará teu coração. Conta outra bênção.

Conta duas vezes.

O teu coração está abalado? Ele vaza e se esforça, para manter tua vida?

Não. Teu coração é forte. Toca em teu peito e sente o seu ritmo, pulsando, hora após hora, dia e noite, trinta e seis milhões de batidas a cada ano, ano após ano, adormecido ou desperto, bombeando teu sangue por mais de sessenta mil milhas de veias, artérias e capilares... bombeando mais de seiscentos mil galões por ano. O homem nunca criou máquina assim. Conta outra bênção.

Estás com doença na pele? As pessoas se voltam e fogem apavoradas, à tua aproximação?

Não. Tua pele está limpa, é uma maravilha da criação, precisando apenas que a trates com sabão, óleo, escova e cuidados. Com o tempo, todos os aços perderão o brilho e enferrujarão, mas não a tua pele. Com o tempo, o mais forte dos metais se desgastará com o uso, mas não essa camada que construí em volta de ti. Ela se renova constantemente, as células antigas substituídas pelas novas, exatamente como o ser antigo que és, tu te vês agora substituído pelo novo. Conta outra bênção.

Teus pulmões estão poluídos? O alento da vida luta para entrar em teu corpo?

Não. Tuas portinholas para a vida sustentam-te até nos mais conspurcados ambientes de tua própria feitura, e sempre trabalham para filtrar o oxigênio que dá a vida, por meio de seiscentos milhões de bolsos de carne, enquanto livram teu corpo de detritos gasosos. Conta outra bênção.

Teu sangue está envenenado? Acha-se diluído em água e pus?

Não. Dentro de cinco litros de sangue encontram-se vinte e dois trilhões de células sanguíneas, e dentro de cada célula encontram-se milhões de moléculas, e dentro de cada molécula há um átomo oscilando mais de dez milhões de vezes por segundo. A cada segundo, dois milhões de tuas células sanguíneas morrem, sendo substituídas por outros dois milhões, em uma ressurreição que prossegue desde o teu primeiro nascimento. Como sempre foi por dentro, agora é em tua parte externa. Conta outra bênção.

És deficiente mental? Já não podes pensar por ti próprio?

Não. Teu cérebro é a estrutura mais complexa do universo. Eu sei. Dentro de seu um quilo, existem treze bilhões de células nervosas, número três vezes maior do que o de pessoas em tua terra. Para ajudar-te a guardar cada percepção, cada som, cada sabor, cada cheiro, cada ato que vivenciaste desde o dia de teu nascimento, eu implantei, dentro de tuas células, mais de mil bilhões de moléculas de proteína. Cada incidente em tua vida está ali, esperando apenas tua chamada. E para auxiliar teu cérebro no controle de teu corpo, eu espalhei, por toda a tua forma, quatro milhões de estruturas sensíveis à dor, quinhentos mil detectores de tato, e mais de duzentos mil detectores de temperatura. Nenhum ouro de nação alguma se acha melhor protegido do que tu.

Nenhuma de tuas antigas maravilhas é maior do que tu mesmo.

És minha melhor criação.

Dentro de ti existe energia atômica suficiente para destruir qualquer das grandes cidades do mundo... e reconstruí-la.

És pobre? Não existe ouro ou prata em tua bolsa?

Não. Tu és rico! Juntos, acabamos de contar a tua riqueza. Examina a lista. Volta a contá-la. Calcula os teus bens!

Por que te traíste, a ti próprio? Por que afirmaste, aos gritos, que todas as bênçãos da humanidade te haviam sido tiradas? Por que te enganaste, a ti próprio, afirmando que estavas impotente para modificar tua vida? Estás destituído de talento, sentidos, capacidades, prazeres, instintos, sensações e orgulho? Estás destituído de esperança? Por que te encolhes nas sombras, um gigante derrotado, esperando apenas um transporte para o vazio bem-vindo e a umidade do inferno?

Tu tens tanto!... Tuas bênçãos transbordam em tua taça... e tu não deste atenção a elas, como uma criança mimada e no luxo, pois eu as conferi a ti com generosidade e regularidade.

Responde-me.

Responde a ti mesmo.

Que homem rico, velho e doentio, fraco e indefeso, não trocaria todo o ouro em seu cofre pelas bênçãos a que deste tão pouca importância?

Toma conhecimento, então, do primeiro segredo da felicidade e êxito; o de que possuis, agora mesmo, todas as bênçãos necessárias para alcançares grande glória. Elas são o teu tesouro, tuas ferramentas com que construir, a começar hoje, o alicerce para uma vida nova e melhor.

Assim sendo, eu te digo, conta tuas bênçãos e sabe que já és a minha maior criação. Esta é a primeira lei a que deves obedecer, a fim de executares o maior milagre do mundo, o regresso de tua humanidade, vinda da morte viva.

E sê reconhecido por tuas lições aprendidas na pobreza. Pois não é pobre aquele que tem pouco, mas aquele que deseja muito... e a verdadeira segurança não esta nas coisas que se possuem, mas nas coisas sem as quais não se pode viver.

Onde estão as deficiências que produziram teu fracasso? Existiam apenas em tua mente.

Conta as tuas bênçãos.

E a segunda lei é como a primeira, proclama tua raridade.

Tu te condenaste a um refugio de olaria, e lá estavas, incapaz de perdoar o teu próprio fracasso, a te destruir com ódio a ti mesmo, auto-recriminações e revolta por teus crimes contra ti mesmo e os outros.

Não estás perplexo?

Não te espantas com o motivo pelo qual posso perdoar teus fracassos, tuas transgressões, teus modos deploráveis... quando tu não podes perdoar a ti próprio? Eu te falo agora, por três motivos. Precisas de mim. Não és um em uma manada que marcha para a destruição em massa parda de mediocridade. E... tu és uma grande raridade.

Examina uma pintura de Rembrandt, um bronze de Degas, um violino de Stradivarius, ou uma obra de Shakespeare. Eles têm grande valor, por dois motivos: seus criadores foram mestres, e são poucos em número. No entanto, existem mais do que um de cada qual deles.

Por esse raciocínio, tu és o tesouro mais valioso na face da terra, pois tu sabes quem te criou, e existe apenas um de ti.

Nunca, em todos os setenta bilhões de seres humanos que caminharam neste planeta, desde o início dos tempos, houve alguém exatamente igual a ti.

Nunca, até o fim dos tempos, haverá outro tal como és.

Tu não demonstraste conhecimento ou apreciação por tua singularidade.

No entanto, tu és a coisa mais rara do mundo.

De teu pai, em seu momento de amor supremo, fluíram inúmeras sementes de amor, mais de quatrocentos milhões em número. Todas elas, ao nadarem dentro de tua mãe, perderam o ânimo e morreram. Todas, menos uma! E essa eras tu.

Tu, sozinho, perseveraste dentro do calor amoroso do corpo de tua mãe, procurando tua outra metade, uma célula isolada de tua mãe, tão pequena que mais de dois milhões seriam necessárias para preencher a casca de uma ervilha. Mesmo assim, a despeito de imensas improbabilidades, naquele oceano vasto de escuridão e desastre, tu perseveraste, descobriste essa célula infinitesimal, juntaste-te a ela e começaste uma vida nova. A tua vida.

Tu chegaste, trazendo contigo, como faz toda criança, a mensagem de que eu ainda não estava desanimado do homem. Duas células, unidas agora em milagre. Duas células, cada qual contendo vinte e três cromossomos, e, dentro de cada cromossomo, centenas de genes que governariam cada característica a teu respeito, desde a cor dos teus olhos ao encanto dos teus modos e à dimensão de teu cérebro.

Com todas as combinações à minha ordem, iniciando-se com aquele espermatozóide isolado de seu pai, um de quatrocentos milhões, passando pelas centenas de genes em cada um dos cromossomos de tua mãe

e pai, eu poderia ter criado trezentos mil bilhões de seres humanos, cada qual diferente do outro.

Mas, a quem eu criei?

A ti! Um, único. O mais raro dos raros. Um tesouro sem preço, dotado de qualidades mentais, de fala e movimento, aparência e atos, como nenhum outro já existiu, existe ou existirá.

Por que te avaliaste em tostões, quando vales todo o tesouro de um rei?

Por que ouviste aqueles que te diminuíaam... e, muito pior, por que acreditaste neles?

Escuta. Não escondas mais tua raridade na escuridão. Traze-a à luz. Mostra ao mundo. Esforça-te para não caminhar como teu irmão caminha, nem falar como teu líder fala, nem trabalhar como trabalha o medíocre. Jamais faças como outro. Nunca imites. Pois não sabes se irás imitar o mal, e aquele que imita o mal sempre vai além do exemplo estabelecido, enquanto aquele que imita o que é bom sempre fica aquém disso. Não imites ninguém. Sê tu próprio. Mostra tua raridade ao mundo e eles te acumularão de ouro. Esta, portanto, é a segunda lei.

Proclama tua raridade.

E, agora, recebeste duas leis.

Conta tuas bênçãos! Proclama tua raridade!

Não tens deficiências. Não és medíocre.

Tu assentes, obrigas-te a sorrir, reconheces como te enganaste a ti mesmo.

Que me dizes de tua própria queixa? A oportunidade nunca te procura?

Escuta, e ela passará a te procurar, pois agora eu te dou a lei do êxito em todos os empreendimentos. Há muitos séculos, esta lei foi dada a teus antepassados, do cimo de uma montanha. Alguns ouviram a lei, e, vê, sua via preencheu-se com os frutos da felicidade, realização, ouro e paz de espírito. A maioria não deu ouvidos, pois procurava meios mágicos, caminhos dévios, ou esperou pelo demônio chamado sorte para que lhe entregasse as riquezas da vida.

Esperou em vão... assim como tu esperaste, e depois chorou, como tu choraste, atribuindo sua falta de sorte à minha vontade.

A lei é simples. Jovem ou velho, indigente ou rei, branco ou negro, homem ou mulher... todos podem utilizar o segredo com vantagem, pois, de todas as regras e discursos e escrituras de êxito e como alcançá-lo, apenas um método jamais falhou... quem quer que te obrigue a acompanhá-lo por uma milha... acompanha-o por duas.

Esta, portanto, a terceira lei... o segredo que produzirá riquezas e aclamações além de teus sonhos... Anda mais uma milha!

O único meio certo de êxito é prestar mais e melhor serviço do que esperam de ti, não importa qual seja tua tarefa. Este é um hábito seguido por todas as pessoas vitoriosas, desde o início dos tempos. Assim sendo, eu te mostro o caminho mais certo para te condenares à mediocridade, qual seja o de executares apenas o trabalho pelo qual és pago.

Não creias que estás sendo tapeado, se entregares mais do que a prata que recibes. Pois existe um pêndulo para toda a vida, e o suor que entregas, se não for recompensado hoje, voltará amanhã, decuplicado. O medíocre nunca anda mais uma milha, pois deixa de ver o motivo pelo qual deva tapear a si próprio, ao que acredita.

Mas tu não és medíocre. Andar mais uma milha é privilégio do qual deves te apropriar por tua própria iniciativa. Não podes, não deves evitá-lo. E negligenciar, fazer apenas tão pouco quanto os outros, e a responsabilidade por teu fracasso será apenas tua.

Não podes mais prestar serviços sem receber compensação justa do que podes impedir a prestação deles sem sofrer a perda da recompensa. Causa e efeito, meios e fins, sementes e fruta não podem ser separados. O efeito já floresce na causa, o fim pré-existe no meio, e a fruta está sempre na semente.

Anda mais uma milha.

Não te preocupes, caso venhas a servir a um senhor ingrato. Serve-o mais.

E em vez dele, que seja eu quem se encontra em tua dívida, pois então saberás que cada minuto, cada gesto de serviço a mais será pago. E não te preocupes, caso tua recompensa não venha logo. Quanto mais

tempo retarde o pagamento, melhor para ti... e juros compostos sobre juros compostos são o maior benefício dessa lei.

Não podes ordenar o êxito, apenas o podes merecer... e agora conheces o grande segredo necessário para merecer sua recompensa rara.

Anda mais uma milha!

Onde está esse campo do qual tu gritaste, choraste, dizendo que não havia oportunidade? Olha! Olha ao redor. Vê onde ainda ontem espojavas nos detritos da auto-comiseração, agora caminhas bem ereto, sobre um tapete de ouro. Nada mudou, apenas tu, mas tu és tudo.

Tu és meu maior milagre.

Tu és o maior milagre do mundo.

E, agora, as leis da felicidade e êxito são três.

Conta tuas bênçãos! Proclama tua raridade!

Anda mais uma milha!

Sê paciente com teu progresso. Contar tuas bênçãos com gratidão, proclamar tua raridade com orgulho, percorrer mais uma milha e depois outra, tais atos não são realizados ao piscar de um olho. No entanto, aquilo que adquires com mais dificuldade é que reténs por mais tempo; como aqueles que adquiriram uma fortuna são mais cuidadosos com ela do que aqueles aos quais ela chegou por herança.

E não te receies, ao ingressares em tua vida nova. Cada aquisição nobre é acompanhada por seus riscos.

Aquele que receia encontrar-se com uma não deve contar obter a outra. Agora sabes que és um milagre. E não existe medo em um milagre.

Orgulha-te. Não és o capricho momentâneo de um criador descuidado, fazendo experiências no laboratório da vida. Não és o escravo de forças que não podes compreender. Não és a manifestação livre de nenhuma outra força senão a minha, de nenhum outro amor senão o meu. Foste feito com um intuito.

Sente minha mão. Ouve minhas palavras.

Precisas de mim... e eu preciso de ti.

Temos um mundo a reconstruir... e se tal requer um milagre, o que é isso para nós? Ambos somos milagres, e agora temos um ao outro.

Nunca perdi a fé em ti, desde aquele dia em que primeiro te fiz de uma onda gigantesca e te atirei, indefeso, sobre as areias. Em tua medida de tempo, tal ocorreu há mais de quinhentos milhões de anos. Muitos foram os modelos, muitas as formas, muitas as dimensões, até que eu atingisse a perfeição em ti, mais de trinta mil anos atrás.

Não fiz qualquer outro esforço para aperfeiçoar-te em todos esses anos.

Pois como se poderia aperfeiçoar um milagre?

Tu eras uma maravilha a contemplar, e eu me satisfiz. Dei-te este mundo e o domínio sobre ele. Depois, a fim de te capacitar a alcançares teu pleno potencial, coloquei minha mão em ti, mais uma vez, e dotei-te de poderes desconhecidos a qualquer outra criatura no universo, até o dia de hoje.

Dei-te o poder de pensar.

Dei-te o poder de amar.

Dei-te o poder de querer.

Dei-te o poder de rir.

Dei-te o poder de imaginar.

Dei-te o poder de criar

Dei-te o poder de planejar.

Dei-te o poder de falar.

Dei-te o poder de orar.

Meu orgulho em ti não conheceu limites. Eras minha criação suprema, meu milagre maior. Um ser vivo completo, criatura que pode ajustar-se a qualquer clima, a qualquer vicissitude, a qualquer desafio. Criatura que pode cuidar de seu próprio destino sem qualquer interferência minha. Criatura que pode traduzir uma sensação ou percepção, não por instinto, mas por pensamento e deliberação, levando-a a qualquer ato que fosse melhor para ela e toda a humanidade.

Assim chegamos à quarta lei de êxito e felicidade... pois eu te dei um poder a mais, poder tão grande que nem mesmo meus anjos o possuíam.

Eu te dei... o poder de escolher.

Com este dom, coloquei-te acima até mesmo de meus anjos... pois os anjos não têm a liberdade de escolher o pecado. Dei-te o controle completo sobre teu destino. Eu te disse para determinares, por ti próprio, tua própria natureza de acordo com tua própria vontade livre. Nem divino, nem terreno em natureza, estavas livre para modelar-te na forma que preferisses. Tinhas o poder de escolher a degeneração para as formas mais baixas da vida, mas também tinhas o poder, pelo juízo de tua alma, de renascer nas formas mais elevadas, que são divinas.

Nunca retirei o teu grande poder, o poder de escolher. O que fizeste com essa força tremenda? Olha para ti mesmo. Pensa nas escolhas que fizeste em tua vida e lembra, agora, aqueles momentos amargos em que cairias de joelhos se, ao menos, tivesses a oportunidade de voltar a escolher.

O que passou, passou... e agora, tu conheces a quarta grande lei da felicidade e êxito... Usa com sabedoria o teu poder de escolha.

Escolhe amar... em vez de odiar.

Escolhe rir... em vez de chorar.

Escolhe criar... em vez de destruir.

Escolhe perseverar... em vez de desistir.

Escolhe louvar ... em vez de difamar.

Escolhe curar ... em vez de ferir.

Escolhe dar... em vez de roubar.

Escolhe agir... em vez de lamentar.

Escolhe crescer... em vez de apodrecer.

Escolhe orar... em vez de amaldiçoar.

Escolhe viver... em vez de morrer.

Agora sabes que teus infortúnios não foram de minha vontade, pois todo o poder estava depositado em ti, e o acúmulo de feitos e pensamentos que te colocaram no refugio da humanidade foram tua obra, não minha. Meus dons de poder foram grandes demais para tua natureza pequena. Agora tu te tornaste alto, sábio, e os frutos da terra serão teus.

És mais do que um ser humano, és um devir humano.

És capaz de grandes maravilhas. Teu potencial, ilimitado. Quem mais, entre minhas criaturas, conquistou o fogo? Quem mais, entre minhas criaturas, conquistou a gravidade, perfurou os céus, dominou a doença e a pestilência e a seca?

Nunca mais voltes a te diminuir!

Nunca mais te conformes com as migalhas da vida!

Nunca mais escondas teus talentos, a partir deste dia!

Lembra-te da criança que diz: “Quando eu for um menino grande...” Mas, o que é isso? Pois o menino grande diz: “Quando eu crescer...” E, quando crescido, ele diz: “Quando eu me casar...” Mas estar casado, o que é isso, afinal? O pensamento transforma-se então para: “Quando eu me aposentar...” E, então, chega a aposentadoria, e ele lança o olhar sobre a paisagem que atravessou; o vento frio sopra sobre ela e, de algum modo, ele perdeu tudo aquilo, e o que queria desapareceu.

Desfruta este dia, hoje, e amanhã, amanhã.

Executaste o maior milagre do mundo.

Voltaste de uma morte viva.

Não mais sentirás auto-comiseração, e cada novo dia será um desafio e uma alegria.

Tu renascestes... mas, exatamente como antes, podes escolher o fracasso e o desalento, ou o êxito e a felicidade. A escolha é tua. A escolha é exclusivamente tua.

Eu só posso observar como antes... com satisfação... ou pesar.

Lembra-te, então, das quatro leis da felicidade e êxito.

* *Conta tuas bênçãos.*

* *Proclama tua raridade.*

* *Anda mais uma milha.*

* *Usa sabiamente o teu poder de escolha.*

E mais uma, para completar as quatro outras.

* *Faze todas as coisas com amor...* amor por ti próprio, amor por todos os outros, amor por mim.

Enxuga tuas lágrimas. Estende a mão, apanha a minha, põe-te ereto.

Deixa-me retirar as mortalhas sepulcrais que te envolviam.

Neste dia, foste notificado.

TU ÉS O MAIOR MILAGRE DO MUNDO!



Dez

Em minha opinião, todas as festas natalinas de escritório deviam ser abolidas! Não existe como impedir que ao menos um desgraçado procure libertar suas repressões ou melancolias de feriado em uma bebedeira que termina em cena feia, a ser deplorada mais tarde, ou em clímax de luta por causa do direito de alguém de entrar em um automóvel e matar-se, ou a algum inocente. Eu sei... fiz esse papel de imbecil duas vezes... há muito tempo.

Ademais, o vinho deixa manchas permanentes no tapete do escritório, manchas essas que nenhum fluido jamais conseguiu remover por completo.

Todos os anos decido, geralmente no primeiro dia de trabalho após o Natal, que no ano seguinte não haverá festa em nosso escritório. Vamos dar esse dinheiro imbecilmente gasto a algum fundo de famílias necessitadas, por exemplo.

E a cada ano, quando as comissões começam a se formar a fim de planejar “a festa”, enfraqueço, não me oponho, e permito que volte a acontecer.

Assim é que... tomei dois copos e procurei sorrir em meio à tolice da conversa frouxa, enquanto a vitrola de alguém tocava um disco monótono e arranhado de *White Christmas*. Depois andei por ali, dando palmadinhas em ombros e beijando faces, sentindo-me como um detetive particular, constantemente a me reafirmar que todos conseguiriam chegar às suas casas sem qualquer parada espontânea em motel ou violações por dirigir embriagado.

Finalmente o vinho acabou e o escritório se esvaziou com rapidez, deixando em sua esteira uma coleção de detritos que só seriam removidos se eu destinasse uma nota de vinte dólares ao nosso encarregado da limpeza. Ela já se encontrava em um cartão natalino, colocado sobre a escrivaninha de Pat, onde ele não deixaria de vê-la.

Levei meu último copo de vinho ao gabinete e derreei-me no sofá, pondo o copo no cinzeiro ao lado. O copo. Vi que o fitava, quase hipnotizado. Simon. Todos aqueles copos de xerez haviam sido enchidos e esvaziados, juntos. Simon. Simon. Onde está você?

Tomei uma decisão repentina e fui à minha escrivania. Apertei a letra “F” no meu livrinho de números de telefone e descobri o número da casa de Fred Fell. Disquei-o, e ele reconheceu minha voz, assim que eu disse:

- Feliz Natal.

- Og, que ótimo ouvir você! Como vai? Como está o tempo em Chicago?

- Estamos com neve por aqui.

- E aqui faz dois dias que chove. Acho que Long Island está afundando.

- Vá para Miami, então.

- Acho que é tarde. O que se passa com você?

- Acabamos de fazer nossa festa de Natal no escritório e...

- ...e você tomou uns goles, ficou um pouco sentimental, lembrou-se de seu velho editor?

- Tudo isso... e mais um motivo.

- Qual é?

- Estou pronto a escrever outro livro.

- Não acredito no que você diz. Já começava a pensar que você se ocupava tanto, contando o dinheiro e fazendo o grande apresentador em todas aquelas palestras, que não tinha mais tempo para escrever. O que quer fazer? De que trata o livro?

- Não vou contar-lhe, agora. Não há modo pelo qual possa explicar, por telefone ou pessoalmente. Mas vou escrever.

- E tem título?

- *O Maior Milagre do Mundo.*

- Já gostei. Qual é o grande milagre?
- Não me pergunte.
- Vai ser outro como *O Maior Vendedor do Mundo*?
- Melhor. Este, não preciso inventar.
- Está bem, Og. Sei que não vale a pena forçá-lo.

Você quer um contrato?

- Não tenho pressa. Quando você quiser cuidar do assunto.
- Nas mesmas condições de antes?
- Ótimo.
- E qual deve ser a data de entrega do original?
- Digamos... último dia de janeiro, 1975.
- Isso é um ano e um mês, contando a partir de agora.

Precisa de tanto tempo?

- Sim.

- Muito bem. Está feito o negócio. Que bela relação nós temos! Não acredito que sejam muitos os editores que façam contratos de livros assim, sem mesmo saber o que estão comprando.

- Temos o editor de Mailer, o editor de Wallace, o editor de Updyke, o editor de Fowles, o editor de Michener, o editor de Herriot...

- Feliz Natal, Og...

- Para você também, Fred. Eu te amo.

- Eu também te amo.

Estava muito escuro e continuava nevando, quando saí do escritório e deixei uma fileira de pegadas até o estacionamento.

Sentia, por dentro, uma vacuidade ardente, e sabia qual o motivo. Do outro lado do estacionamento, dava para ver as sombras escuras do apartamento onde eu passara tantas horas felizes, seu corpanzil silencioso.

so enxadrezado aqui e ali com um quadrado de luz que piscava em meio à neve.

Mais ou menos nessa hora tínhamos trocado votos de “Feliz Natal”, tocando os copos, e a bela voz dele estaria a me inundar, enquanto ele abria o presente que eu teria trazido. Simon, Simon.

- Sinto sua falta. Sinto muitíssimo sua falta.

Eu falava em voz alta... para o vento e os flocos de neve. Depois, lutava para soffrear soluços que pareciam irromper bem em meu íntimo. Sentia-me inteiramente sozinho – e perdido.

Consegui, afinal, controlar-me. Tinha de voltar para casa. Ainda era preciso fazer algumas compras. A vida continua.

Procurei desajeitado, as chaves do carro e abri a porta.

Ao virar a chave de ignição, tive o impulso repentino e forte de tomar outra bebida. Mas sabia o que aconteceria – uma seria acompanhada por vinte... e, por maior que fosse o número de bares onde olhasse, não encontraria Simon.

Dei marcha-à-ré com o carro e parti para o portão de saída, os pneumáticos esmagando ruidosamente a neve recém-caída. Baixei a janela para estender o braço e virar a chave no escaninho de acionamento do portão. O portão rangeu e se ergueu devagar para o céu. Engrenei e acelerei lentamente, passando sobre a pequena elevação de asfalto por baixo do portão. A parte dianteira de meu automóvel apontou um pouco para cima, ao alcançar o alto dessa elevação, e os faróis foram alcançar uma janela de apartamento de segundo andar, que se achava às escuras.

Pisquei os olhos, sacudi a cabeça. Voltei a olhar.

Meus faróis haviam convergido, em um só feixe de luz, sobre um canteiro de janela.

Meu Deus!

No canteiro havia uma planta... suavemente inclinada sobre a neve que soprava...

... Uma bela planta!

... Uma planta fita azul!

... Um gerânio vermelho de vidro.

